



**Faculdade UnB Planaltina – FUP**

**Licenciatura em Educação do Campo - LEdoC**

**Paulo Sérgio Apôsto Dias de Souza**

**EDUCAÇÃO DO CAMPO: DESAFIO DA FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES POR ÁREA DE CONHECIMENTO**

**Orientador/a: Eliene Novaes Rocha**

**Planaltina/DF**

**2018/02**



---

**Faculdade UnB Planaltina – FUP**  
**Licenciatura em Educação do Campo - LEdoC**

**Paulo Sérgio Apôsto Dias de Souza**

**EDUCAÇÃO DO CAMPO: DESAFIO DA FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES POR ÁREA DE CONHECIMENTO**

Monografia apresentada no Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Faculdade de Planaltina da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo, habilitação: Matemática.

**Orientador/a: Eliene Novaes Rocha**

**Planaltina/DF**

**2018/02**

**Paulo Sérgio Apôsto Dias de Souza**

**EDUCAÇÃO DO CAMPO: DESAFIO DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
POR ÁREA DE CONHECIMENTO**

Monografia, apresentada ao curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de licenciatura em Educação do Campo. Habilitação em Matemática.

Planaltina-DF, \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

**Banca examinadora**

---

**Orientador (a): Prof<sup>a</sup>. Dr. Eliene Novaes Rocha**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Clarice Aparecida dos Santos**

---

**Prof. Dr. Rogério Ferreira**

## DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho em primeiro lugar a educação e ao conhecimento, que é o podemos levar para vida.

A minha namorada que me ajudou na escolha do meu tema e em todo percurso de realização do trabalho, me auxiliando em dúvidas e novas ideias.

A professora Eliene por dividir esses momentos de estudos com muita paciência e conhecimento.

A todos meus familiares que sempre estiveram ao meu lado me apoiando em todas as decisões.

Aos meus amigos e colegas de quarto, e demais colegas de estudos que compartilharam comigo grandes momentos de estudos e diversão.

A todos da gestão, e equipe de professores do curso de Licenciatura em Educação do Campo, que me proporcionaram grandes conhecimentos.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, que me deu a oportunidade de está aqui cumprindo mais uma etapa da minha vida.

A toda minha família que sempre me incentivou a continuar estudando e pelo apoio as minhas decisões.

A minha professora, orientadora e coordenadora Eliene Novaes, por me orientar, me dar motivação e incentivo, pela paciência para realização de um bom trabalho.

A minha namorada Cassiana Rosa que é o meu presente para a vida toda.

Ao meu amigo e colega Mario, e meus amigos e colegas de quarto, Marcio, Gerson, Geneci e Hélio.

A todos meus amigos e colegas das áreas de Matemática, Ciências e Linguagens. Aos meus queridos e grandes professores da área de Matemática, que é minha área de habilitação pela troca de experiências que geraram amizades.

Aos Professores que sempre demonstraram uma grande compreensão, amizade e dedicação, respeito e paciência, repassando seus conhecimentos e nos ensinando a sermos profissionais responsáveis, dedicados e conscientes.

E a todos meus grandes e queridos professores em geral, que sempre me proporcionou conhecimento, estabelecendo uma relação de amizade carinho e muito respeito, vocês são exemplos de grandes educadores.

Quero agradecer diretamente e indiretamente aos quatro anos de LEdoC, que me proporcionaram grandes conquistas na vida, levarei excelentes aprendizados tanto formativos quanto educacionais. Foram amizades definitivas que foi possíveis graças a LEdoC.

## EPÍGRAFE

A tradição não é dada por direito de herança, e, se a quiser, é preciso muito trabalho para a obter.

(Thomas Eliot).

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.

(Paulo Freire).

## LISTA DE ABREVIATURAS

AC	Área de Conhecimento
CEB	Câmara de Educação Básica
CMEI	Centros Municipais de Educação Infantil
CN	Ciências da Natureza
CNE	Conselho Nacional de Educação
CEPE	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.
CETEC	Centro Transdisciplinar de Educação do Campo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IESGO	Instituto de Ensino Superior de Goiás
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LEdoC	Licenciatura em Educação do Campo
MTM	Matemática
MEC	Ministério da Educação
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PROCAMPO Educação do Campo	Programa de Apoio a Formação Superior em Licenciatura em
PPP	Projeto Político Pedagógico
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFS	Universidade Federal de Minas Gerais
UNB	Universidade de Brasília

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender a concepção da formação de professores por área de conhecimento, bem como sua importância e os desafios encontrados como um ponto marcante, por ela ser uma nova metodologia do curso de Licenciatura em Educação do Campo, em que busca destacar a interdisciplinaridade na Formação em área de conhecimento no contexto da prática educativa e emancipadora. O que permitiu uma reflexão acerca de uma nova estratégia visando um método integrado auxiliando no desenvolvimento do conhecimento e na forma de pensar um novo modelo escolar que passa pelo diálogo entre as disciplinas e a relação com a realidade no âmbito da formação inicial de educadores do campo. Para isso, situamos proposta de área de conhecimento no âmbito de dois contextos que se inter-relacionam da educação básica à educação superior. Buscamos situar os desafios existentes na prática dos professores formados por área e como também as premissas de tais conceitos que estão inter-relacionados com a Educação do Campo. Para tais efeitos foram feitas cinco entrevistas com professores formados na LEdoC que atuam na escola do Vale da Esperança com a intencionalidade de avaliar suas práticas bem como analisar quais atividades realizadas por eles sustentam a proposta de formação por área. O que acabamos por evidenciar que a formação por área de conhecimento é uma estratégia que visa contribuir com a transformação da forma escolar. Para o embasamento teórico, recorreremos as contribuições de alguns autores da Educação do Campo: Roseli Caldart, Mônica C. Molina, Laís Mourão Sá, Miguel G. Arroyo.

**Palavras chave:** Formação por área de conhecimento. Interdisciplinaridade, Formação de Professores. Desafios a Formação por Área.



## RESUMEN

El presente trabajo tiene por objetivo comprender la concepción de la formación de profesores por área de conocimiento, así como su importancia y los desafíos encontrados como un punto destacado, por ser una nueva metodología del curso de Licenciatura en Educación del Campo, en la que busca destacar la interdisciplinariedad en la Formación en el área de conocimiento en el contexto de la práctica educativa y emancipadora. Lo que permitió una reflexión acerca de una nueva estrategia visando un método integrado ayudando en el desarrollo del conocimiento y en la forma de pensar un nuevo modelo escolar que pasa por el diálogo entre las disciplinas y la relación con la realidad en el ámbito de la formación inicial de educadores del campo. Para ello, situamos una propuesta de área de conocimiento en el marco de dos contextos que se interrelacionan de la educación básica a la educación superior. Buscamos situar los desafíos existentes en la práctica de los profesores formados por área y como también las premisas de tales conceptos que están interrelacionados con la Educación del Campo. Para tales efectos se realizaron cinco entrevistas con profesores formados en la LEdoC que actúan en la escuela del Valle de la Esperanza con la intencionalidad de evaluar sus prácticas así como analizar qué actividades realizadas por ellos sostienen la propuesta de formación por área. Lo que acabamos por evidenciar que la formación por área de conocimiento es una estrategia que pretende contribuir con la transformación de la forma escolar. Para el embasamiento teórico, recurriremos las contribuciones de algunos autores de la Educación del Campo: Roseli Caldart, Mónica C. Molina, Laís Mourão Sá, Miguel G. Arroyo.

**Palabras clave:** Formación por área de conocimiento. Interdisciplinaridad. Formación de Profesores. Desafíos a la Formación por Área.

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Minha história de vida.....	14
CAPITULO I.....	18
METODOLOGIA.....	18
2.1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA.....	18
2.2 METODOLOGIA.....	18
2.3 Tipo de pesquisa:.....	20
2.4 População/Amostra.....	20
Caracterização do ambiente de pesquisa.....	20
Cidade de Formosa:.....	20
2.5 Assentamento Vale da Esperança:.....	21
2.6 População:.....	22
2.7 Amostra:.....	23
2.8. Instrumentos utilizados na coleta de dados.....	24
2.9 Procedimentos utilizados para coleta de dados.....	24
2.10 Procedimento para análise e interpretação dos dados.....	24
2.11 Ferramentas de busca bibliográfica em bases de dados.....	24
CAPITULO II.....	25
REFERENCIAL TEÓRICO E REVISÃO DE LITERATURA.....	25
3.1 Educação do campo.....	27
3.2 Histórico da Educação no Campo.....	28
3.3. Caracterização da Educação no Campo.....	34
3.4 Contribuições da Educação do Campo.....	36
3.5. Licenciatura em Educação do Campo.....	37
3.6 Formação de professores organizada por área do conhecimento.....	40
CAPITULO III.....	45
ANALISE DE DADOS.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51

REFERÊNCIAS .....	54
APÊNDICES .....	57
Entrevista 1 .....	58
Entrevista 2 .....	61
Entrevista 3 .....	64
Entrevista 4 .....	67
Entrevista 5 .....	71

## INTRODUÇÃO

A Educação do Campo e a formação por área têm o desafio de superar o sistema, e mostrar que a escola do campo é uma realidade que está presente em nosso dia a dia, em que seja uma educação omnilateral, pensada com e para os sujeitos do campo, ela trazem sua essência uma formação que se preocupa com o sujeito do campo e suas condições de vida. A luta por uma Educação do Campo é uma luta que se fez com sangue, para que os sujeitos do campo tivessem e tenham uma educação de qualidade contextualizada com a sua realidade, a premissa da Educação do Campo no âmbito escolar também é formar os docentes para que encarem os desafios da interdisciplinaridade em que a problematização da realidade seja um fator a ser considerado nas escolhas dos temas estudados em sala de aula, em outras palavras repensar a forma de produzir conhecimento.

Está pesquisa tem como caminho inicial apresentar uma nova proposta de formação para as escolas do campo, uma concepção de como adequar as escolas e a educação do Campo a si inteirarem e contribuir para com sociedade da qual fazemos parte. A Educação do Campo vem com a implantação de uma nova proposta interdisciplinar que é a formação por áreas de conhecimento que tem como objetivos de responder desafios impostos pela realidade material e concreta, por um processo pedagógico educativo na perspectiva de formarem educadores que possam interagir com os demais e com o processo de construção de uma escola nova e sujeitos iguais de direitos.

A formação por área de conhecimento tanto quanto a docência por área são desafios para se pensar a licenciatura em Educação do campo. O que se faz necessário analisar esse modelo de formação que vai à contra mão do modelo tradicional, assim buscaremos compreender quais são os desafios da formação por área de conhecimento na licenciatura em Educação do campo e quais suas contribuições para os sujeitos (educandos) do campo.

Esta pesquisa se faz importante na perspectiva de compreensão e colaboração de um projeto unitário, onde os sujeitos do campo se empoderam da

arma chamada conhecimento para lutarem contra um modelo de ver a escola e mundo fragmentado, uma escola onde há a dicotomia de saberes uma hierarquia de conhecimento, onde há cercas e muros. Por isso pesquisar a educação do campo com um recorte para a formação por área do conhecimento é uma iniciativa como discente e futuro educador à contribuir diretamente e efetivamente com o compromisso de lutar por uma escola unitária para a comunidade a qual pertença. Pensando também no pressuposto que os sujeitos do campo devem ter intelectuais orgânicos que trabalhem intelectualmente em prol da comunidade visando obter resultados significativos para o bem viver no campo.

Durante minha experiência na sala de aula e como secretário escolar percebia a necessidade de algo novo, ao preparar os planos de ensino sentia a falta de comunicação entre os professores, a meu ver as aulas seriam mais produtivas se houvesse mais diálogo entre os educadores. Minha realidade questionava meus conhecimentos e me inquietavam, pois percebia que os dias se passavam, no entanto, continuávamos reproduzindo cotidianamente do mesmo. Os estudantes perguntavam – nos qual era o sentido daquilo tudo e nem nós mesmos não sabíamos e nem nos posicionávamos para refletir sobre o verdadeiro significado de ser um educador e dos conteúdos que queríamos compartilhar.

Quando estamos dentro da sala de aula o mecanismo de realizar tudo no automático já é tão latente que quando nos deparamos estamos feitos máquinas que obedecem só os comandos que os outros nos dão. Na sala de aula os alunos continuavam perdidos, as aulas que pareciam diferenciadas só mudava a forma, os métodos permaneciam desconectados e sem aplicabilidade futura. No entanto cabe destaca que essa reflexão mais profunda só aconteceu após ingresso na LEdoC, que me despertou o interesse para essa pesquisa. O modelo escolar precisa ser mudado e o primeiro passo para agir é compreender, por isso, me dedicarei a esse estudo com intuito de conhecer e compreender para agir.

O presente trabalho está dividido em títulos e subtítulos para melhor desenvolvimento e clareza. Inicialmente teremos a introdução com o relato de minha história de vida e uma breve apresentação do tema de pesquisa. Em seguida teremos a apresentação detalhada, logo após será apresentada a metodologia da pesquisa presente no primeiro capítulo identificando o tipo de pesquisa,

população/amostra, instrumentos e procedimentos utilizados na coleta dos dados. Em sequência temos a apresentação do segundo capítulo com referencial teórico e sub tópicos para melhor detalhamento. No terceiro capítulo será apresentada a análise de dados, onde trazemos a voz dos professores para dentro da pesquisa num diálogo mais profundo quanto suas práticas. Por fim, há as considerações finais, as referências e apêndice com apresentação das pesquisas realizadas.

### **1.1 Minha história de vida.**

Paulo Sérgio Apôsto Dias de Souza. Filho de Aparecida Apôsto do Nascimento Souza, e Benedito Dias de Souza, natural de Formosa–GO. Onde sempre morei, na cidade, e no município entorno. Meus pais sempre foram moradores desta região, sempre trabalhando com suas famílias, ou em fazendas.

No ano de 1993, surgiu uma oportunidade de emprego na fazenda Florinda, município de Formosa, com aproximadamente 85 km da cidade de Formosa, o seu proprietário era o senhor José Paulo Afonso de Souza, ainda com a fazenda com várias reformas, o proprietário contratou o meu pai como vaqueiro, e às vezes como tratorista. Mudamos para fazenda, eu, meu pai, minha mãe, e meus três irmãos, eu estava com apenas três anos de idade.

Nessa fazenda morei uma boa parte da minha vida, foram 17 anos, foi neste lugar onde começou a minha vida escolar no ano de 1996, na escola de uma fazenda vizinha, que hoje se chama colégio estadual Vale da Esperança, e escola 15 de Julho, situada no assentamento vale da esperança. Como todas as escolas no campo daquele período, tínhamos alguns problemas para o acesso a ela. Tanto pela situação das estradas, e também pelas condições dos meios de locomoção, às vezes por causa do clima e etc. sempre gostei de frequentar a escola, sempre tive muitos colegas, e me dava muito bem com os professores. Finalmente no ano de 2008, foi um ano marcante, de muitas alegrias, finalmente o ano da minha formatura do ensino médio. Era o final da minha primeira fase escolar, a partir daí teria uma longa trajetória pela frente.

No ano de 2009, o senhor José Paulo Afonso, resolveu vender a fazenda para um órgão do governo, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). O que me deu a oportunidade de poder ter a minha própria terra, o meu pedaço de chão, neste período eu e meus dois irmãos mais velhos resolvermos nos cadastrar para concorrer a um pedaço de terra, só o meu irmão mais novo não pode concorrer por que era menor de idade ainda, como já éramos moradores da fazenda não foi necessário ficarmos acampados em barracos de lona, por que continuamos morando na casa em que vivíamos. Neste período comecei a viver e a conviver com a luta pela terra, os desafios enfrentados e as conquistas que poderiam ser alcançadas. Foi algo muito importante e de bastante aprendizados, por já ter vivenciado um pouco da luta que era travada pelos assentados em busca de terra, por já estar na fazenda no período da ocupação do Assentamento vale da Esperança, tinha um pouco do conhecimento, mas algo bem abstrato.

No ano de 2012, em busca de mais estudos e profissionalização, surgiu uma oportunidade de fazer um vestibular por sugestão de uma colega, para a Instituição de Ensino Superior do estado de Goiás (IESGO). Neste vestibular fui aprovado para fazer uma graduação em Pedagogia, e comecei mais uma trajetória da minha vida, com muitas dificuldades e obstáculos, sempre contando com o apoio da família, colegas e professores, foi mais uma barreira quebrada. Neste mesmo período comecei a trabalhar como estagiário na escola Municipal 15 de julho, como secretário escolar e professor de educação física, e em alguns momentos professor substituto das séries iniciais, nesse trabalho comecei no meio do ano de 2012 e fui até o início do ano de 2016.

No ano de 2015, no último ano da faculdade de pedagogia, surgiu a oportunidade de prestar o vestibular para o curso de Licenciatura em educação do Campo (LEdoC), Universidade de Brasília (UnB). Para muitos era um curso desconhecido, mas era um curso que parecia ser o ideal para mim, um curso que apresentava uma metodologia diferenciada, a alternância iria me possibilitar não me desligar dos afazeres do campo, com isso poderia continuar ajudando ainda mais a nossa comunidade, e como poderíamos tentar desenvolvê-la a partir do momento que investimos na educação, adotando um novo método e a uma nova

prática educacional, no desenvolvimento das comunidades rurais. Além de ser um curso em que eu poderia desenvolver meu trabalho com a escola utilizando os conhecimentos e saberes adquiridos no meu território, um curso que poderia fazer sem ter que abandonar minhas origens, ter que sair do meu território.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo para mim já era bastante conhecido, pois tinha dois Irmãos que já eram alunos da Faculdade UnB, Planaltina (FUP) Distrito Federal (DF). O que me motivou ainda mais a tentar conseguir uma vaga. Finalmente saiu o resultado do vestibular, e mais uma comemoração, por que eu tinha sido aprovado para cursar na habilitação da área de conhecimento da Matemática. No Início me desdobrei em duas tarefas, tendo que terminar o curso de pedagogia e iniciar o de Educação do Campo. Felizmente concluir o de Pedagogia com muito esforço e pude me dedicar a este.

De início encontrei um pouco de dificuldades por não ter afinidades com os demais, porém o coletivo contribuiu para superar essas diferenças, um lugar onde é construindo sujeitos para atuar em uma educação contra hegemônica, que considere as diferenças, respeite a diversidade, valorize a cultura e os saberes locais, isso foi o que me foi passado. O curso proporcionou pensar em conquistas e sonhos, mostrou que ao contrário de uma educação convencional, onde não temos voz e não contribuimos para nossa própria educação, na verdade, somos dignos de uma educação libertária. O curso permitiu a visão crítica da sociedade e de nosso papel na construção de um mundo mais justo para todos os seus sujeitos.

No ano de ingresso na (UNB), comecei a atuar como professor substituto no Colégio Estadual Vale da Esperança nas disciplinas de ciências, química, física, biologia e principalmente matemática. Um período de grande importância, momento em que comecei a perceber o quanto seria importante e o quanto iria fazer diferença adaptar-me a um novo método com disciplinas que estivessem interligadas.

E aqui estou completando mais uma etapa da vida e concluindo um curso, que não me arrependo em nada, e orgulho-me cada vez mais de ter feito mais uma escolha correta em minha vida.





# **CAPÍTULO I**

## **METODOLOGIA**

### **2.1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA**

A formação da docência por área ancora-se em um projeto de transformação, uma escola que busca formar sujeitos lutadores, e que construa uma proposta contra hegemônica. Construindo conteúdos que estejam relacionados à vida do camponês, um projeto de transformação da forma escolar atual, do sujeito do campo, uma formação que se torna sobre tudo uma estratégia para ampliar a formação dos anos finais dos alunos do campo e organização do trabalho para a luta por uma escola no e do campo.

A formação por área de conhecimento tanto quanto a docência por área são desafios para se pensar a licenciatura em Educação do campo. O que se faz necessário analisarmos esse modelo de formação que vai a contramão do modelo tradicional, assim buscaremos compreender quais são os desafios da formação por área de conhecimento na licenciatura em Educação do campo e quais suas contribuições para os sujeitos (educandos) do campo.

### **2.2 METODOLOGIA**

Partindo do princípio de que a Educação do Campo requer um olhar histórico e dialético para análise de seu processo contínuo de construção e formação de sujeitos e compreender a Educação do Campo e seus processos formativos é necessário que haja uma abordagem específica o estudo de caso, no qual possam ser investigados os teóricos desse meio como também a comunidade, o âmbito escolar, os sujeitos que juntos compõem o núcleo escolar, mas especificamente os professores formados do curso de Licenciatura em

Educação do Campo que atuam no Colégio Estadual do Vale da esperança – Formosa.

A Educação do Campo é uma construção da classe trabalhadora. Que tem como um de seus princípios metodológicos construir elementos e conteúdos que revelem a vida real do camponês, que estabeleça uma ligação da escola com a vida, que garanta que os estudantes compreendam a realidade, a ciência da vida, levando em consideração a relação intrínseca entre sociedade, natureza, cultura, ciência e trabalho. O trabalho, a ciência e a cultura na perspectiva de formação humana integrados num projeto unitário, que ao mesmo tempo em que o trabalho se configure como princípio educativo condense-se as concepções de ciência e cultura.

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 2004, p. 10).

Para continuidade do objetivo proposto trataremos uma análise de campo, fazendo um paralelo entre a educação tradicional que fragmenta as áreas, e a Educação do Campo que adota a integração das áreas como estratégia de suprir as reais necessidades que emergem da vida dos sujeitos do campo. Esta pesquisa contará com a colaboração de educadores do campo, trazendo a importância da formação por área de conhecimento. A participação da comunidade escolar do Vale da Esperança será de suma importância para compreensão da formação por área levando em conta a experiência de um trabalho organizativo e interdisciplinar entre os docentes. O trabalho, o método interdisciplinar liga sujeitos e esses sujeitos realizam um trabalho coletivo ligando, integrando e fortalecendo o diálogo entre as diversas áreas do conhecimento. Este trabalho terá como eixos principais e norteador as contribuições de teóricos da educação como: Miguel Arroyo, ***Por uma Educação do Campo(2008)***, Roseli Caldart, ***Educação do campo: campo - políticas públicas – educação (2008)***.

### **2.3 Tipo de pesquisa:**

A metodologia desenvolvida nessa pesquisa é qualitativa e inclui um estudo de caso. O caminho metodológico inicial foi fazer uma revisão bibliográfica tendo em vista realização de uma análise histórica da Educação do Campo.

### **2.4 População/Amostra**

#### **Caracterização do ambiente de pesquisa.**

##### **Cidade de Formosa:**

Formosa surgiu em meados do século XVIII, quando Goiás pertencia à capitania de São Paulo. A cidade foi formada por antigos moradores do Arraial de Santo Antônio, no vale do Paranã, que fugiram de seu povoado depois que uma forte epidemia de malária assolou a região. Com medo da doença, tropeiros e comerciantes que vinham da Bahia e Minas Gerais acampavam na região onde hoje está localizada a cidade de Formosa.

O povoado foi batizado de Arraial dos Couros em homenagem aos viajantes que acampavam no local em barracas de couro que eles traziam para comercializar. A criação do município de Formosa deu-se em 1 de agosto de 1843, com o nome de Vila Formosa da Imperatriz, posteriormente sendo alterado para Formosa.

A população do município de Formosa é de aproximadamente 114 036 habitantes, de acordo com estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), feito em 2016.

A política educacional do município tem um sistema composto por escolas municipais e colégios estaduais. Nesta situação educacional temos as escolas municipais que atende Educação Infantil e o ensino fundamental I, que é composto por 25 escolas urbanas, 14 escolas rurais, dentre essas 14 escolas (5 multisseriadas). 11 Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI). Com 14.042 alunos, 1160 servidores sendo aproximadamente 750 professores.

O município de Formosa possui 27 colégios estaduais no qual são 6 escolas do campo/rural e 3 colégios do distrito de Santa Rosa, JK e Bezerra, que também são consideradas escolas rurais. Essas escolas atendem 5.325 alunos do ensino médio. 4.093 alunos do ensino fundamental II. 427 professores.

## 2.5 Assentamento Vale da Esperança:

O assentamento Vale da Esperança, está localizado no Município de Formosa- GO, a aproximadamente 75 km da cidade, 25 km de asfalto até o restaurante “João cara limpa” pela GO 116, e aproximadamente 50 KM de estrada de Chão, na margem direita do rio Paranã e que também dá nome a região como “Vão do Paranã”.



Em 1996 a fazenda possuía 1600 alqueires de terras e se encontrava em estado de abandono, pouco era visitado pelos proprietários que ainda sonegavam impostos da parte não produtiva que concentrará a maior parte.

A fazenda estava com decreto de desapropriação, pela Superintendência Regional de Goiás (SR-04), ocupada em julho de 1996.



Foto tirada da placa de identificação da entrada da fazenda Vale da Esperança

As famílias assentadas são de várias origens aproximadamente 176 famílias, a maior parte de origem camponesa vindas de um trabalho de base organizado pelo Movimento dos trabalhadores Sem Terra (MST) em várias regiões entorno do DF e nordeste goiano como: Luziânia, Ocidental, Águas Lindas, Formosa, Cabeceiras de GO, Alvorada do Norte, Simolândia e Posse e da Bahia.

No assentamento situa-se o Colégio estadual vale da esperança que é um prédio cedido pela Escola Municipal 15 de julho. No turno matutino funcionam as atividades escolares do sistema municipal de ensino, que atende turmas da Ed. Infantil e do ensino fundamental I. No turno vespertino e noturno funciona o Colégio Estadual Vale da Esperança, mantido pelo sistema estadual de ensino que atende turmas dos anos finais e ensino fundamental e do nível médio. O Colégio Estadual e a Escola municipal atendem os estudantes do Assentamento Vale da Esperança e assentamentos vizinhos (Florinda, Água Viva, Brejão) e Fazendas próximas. Com aproximadamente 190 estudantes, nos três turnos.

## 2.6 População:

- O Colégio Estadual Vale da Esperança e Escola Municipal 15 de julho é estruturado por 5 salas de aula, 2 salas de coordenação, 1 cozinha com dispensa, e 1 depósito, três banheiros, sendo um para pessoas com deficiência, duas

quadras de esportes e uma área de lazer. No turno matutino funcionam as atividades escolares do sistema municipal de ensino, que atende turmas da Ed. Infantil e do ensino fundamental I. Composta por cinco professores, uma diretora, uma coordenadora, dois auxiliares de limpeza, uma merendeira e quatro estagiários. No turno vespertino e noturno funciona o Colégio Estadual Vale da Esperança, mantido pelo sistema estadual de ensino que atende turmas dos anos finais, ensino fundamental II e nível médio. A equipe de trabalho é composta por dez professores, duas auxiliares de serviços gerais e duas merendeiras, uma diretora e três coordenadoras, uma secretaria e um gerente de merenda, entre os turnos da tarde e noite.

### **2.7 Amostra:**

- Foram entrevistados 5 professores egressos da LEdoC – que atuam ou já atuaram no colégio Estadual Vale da Esperança – 3 professores que são formados na área de ciência da natureza e matemática, e 2 formados na área de linguagens. A entrevista foi realizada com por meio de um questionário com dez perguntas.
- A coleta de dados se deu a partir de um diálogo anterior com os participantes, nem todos participaram desse diálogo no mesmo dia, mas tive a chance de chamar cada um para uma conversa e debater um pouco sobre o tema e a proposta de minha pesquisa. Logo depois de cada conversar encaminhei por email o questionário, sendo respondido por através da escrita.
- Estava previsto para ser entrevistado de 5 a 10 alunos do 3º ano do ensino médio do Colégio estadual Vale da Esperança (alunos que pretendem ingressar no curso de Licenciatura em Educação do Campo, LEdoC). Mas, devido o adiamento do seminário que seria realizado no colégio, onde seria abordado temas sobre a licenciatura em educação do campo e sua formação, e devido a grande quantidade de transferência dos alunos do 3º ano para colégios urbanos, e colégios de outras regiões e municípios, não foi possível realizar as entrevista, pois mudamos um pouco o viés do estudo e objeto de análise.

## **2.8 Instrumentos utilizados na coleta de dados**

- Na pesquisa foi realizada uma revisão por meio de análises em livros, sites, artigos, onde foi apresentado a história e um mapeamento da educação do campo, onde e como se deu o seu início, quais seus desafios e conquistas, quais dificuldades foram encontradas nessa educação.
- Entrevistas.

## **2.9 Procedimentos utilizados para coleta de dados**

- Foram utilizadas rodas de conversa, entrevista, no qual foi abordados aspectos da formação por área de conhecimento na educação do campo, como também quais seus desafios e quais foram suas colaborações para o desenvolvimento da Educação do Campo.

## **2.10 Procedimento para análise e interpretação dos dados**

- Foi realizada uma análise documental; o PPP da escola e outras propostas formais do estado – GO, a partir daí foi feita uma sistematização das entrevistas comparando dados em comum a fim de identificar a importância da formação por área de conhecimento com uma abordagem que mostra que a escola do campo é uma realidade que está presente em nosso dia a dia.

## **2.11 Ferramentas de busca bibliográfica em bases de dados**

SITES:

- [www.periodicos.capes.com.br](http://www.periodicos.capes.com.br)
- [www.catalogodeteses.capes.gov.br](http://www.catalogodeteses.capes.gov.br)
- [www.scielo.br](http://www.scielo.br)
- [Scimedirect](http://Scimedirect)



## CAPÍTULO II

### REFERENCIAL TEÓRICO E REVISÃO DE LITERATURA

Com a fundamentação teórica, esta monografia busca trazer à discussão da importância da Educação no Campo e seus desafios, e da Formação do docente por áreas de conhecimento para trabalhar dentro das escolas que seja no campo e do campo, justo quando se torna necessário uma formação com a capacidade de se adaptar às mudanças sociais, principalmente no que se refere as mudanças nos meios intelectuais e encara cada vez mais desafios em sua transformação, o que está sendo cada vez mais cobrada. Logo, é de suma importância que essa formação compreenda essas mudanças, quer sejam elas em todas as áreas ou em todos os métodos.

A docência por área visa suprir dificuldades e dar um apoio, amparo e viabilizar a criação de mais escolas do campo, com menos professores e uma maior carga horária, professores que serão formados para assumir mais de uma disciplina. Uma formação que visa realizar um trabalho em conjunto e cooperado.

A formação por área de conhecimento possui saberes disciplinares que possuem correlação entre si a superação da fragmentação dos conhecimentos, em uma perspectiva interdisciplinar e Transdisciplinar, sem negar as disciplinas, contendo vínculos com questões inerentes à realidade, a organização curricular por área do conhecimento está vinculada à formação de equipes pedagógicas, na expansão das escolas do campo, ao trabalho pedagógico interdisciplinar.

A idéia da interdisciplinaridade surge ligada à finalidade de corrigir possíveis erros e a esterilidade acarretada por uma ciência excessivamente compartimentada e sem comunicação entre si. Nesse sentido, a crítica à compartimentalização das matérias será igual à dirigida ao trabalho fragmentado nos sistemas de produção da sociedade capitalista, separação entre trabalho manual e intelectual, entre teoria e prática, à hierarquização e ausência de comunicação democrática entre os diferentes cargos de trabalho em uma estrutura de produção capitalista, entre humanismo e técnica (SANTOMÉ, 1998, p. 62).

A idéia da interdisciplinaridade ou formação por área de conhecimento surge ligada à finalidade de corrigir possíveis erros e falhas para que haja comunicação entre as disciplinas e conteúdos. A interdisciplinaridade não supõe a eliminação das disciplinas, mas sim uma articulação entre elas.

Segundo MOLINA (2012). Busca-se com essa articulação cultivar um vínculo permanente entre o conhecimento que a ciência produz e as questões atuais que envolvem a vida dos sujeitos do campo, centrando o processo pedagógico no princípio das práxis, ao articular teoria e prática; e entendendo que a realidade possa ser não apenas compreendida e analisada, mas também transformada.

Uma educação que transforma e coloca a realidade e a vivência do nosso dia a dia em jogo, como ajuda na formação e na transformação da educação.

Assim, o povo do campo tem direito a uma educação específica tendo em vista as particularidades no meio rural, pensada a partir do lugar, da participação e de sua cultura e necessidades humanas e sociais. Uma educação que estimule o processo de formação emancipador e que venha a garantir às pessoas do campo o acesso a uma educação de qualidade, voltada a interesse do povo do campo, bem como o avanço social no entendimento ao contexto rural.

O objetivo desta educação é trazer conhecimento às pessoas que convivem no campo para que possam assumir sua identidade camponesa e que caminhe em direção a um futuro sólido, num trabalho articulado considerando os saberes produzidos do local, o saber popular, quando se toma essa iniciativa significa que essa exercendo essa relação intrínseca teórico-prático.

O desafio é de construir um método pedagógico que vincule os conteúdos à compreensão dos fenômenos da realidade, que coloque os estudantes sem contato com os problemas da vida, defrontando-se com as contradições sociais e com as relações entre ser humano e natureza como objeto desconhecimento (CALDART, 2015, p. 158).

Segundo Caldart (2015) também faz a observação de que esse desafio exige rigor e profundidade, pois, mesmo com práticas e experiências pedagógicas que vêm sendo realizadas nesse sentido, é preciso discutir a concepção de conhecimento e a noção ampliada de currículo.

### 3.1 Educação do campo

A Educação do Campo envolve diversos níveis das modalidades de ensino, ela possui legislação própria e está vinculada a um projeto de desenvolvimento sustentável, que estão ligadas ao meio rural, com objetivos de qualificar os espaços escolares e garantir o acesso à educação, contribuindo para a permanência dos jovens no meio rural, garantindo uma educação de qualidade no meio onde vive.

Segundo o Decreto nº 7.352, Escola do Campo tem em sua Política de Educação do Campo, à ampliação e qualificação da oferta de educação básica e superior às populações do meio rural em geral, e é desenvolvida pela União em regime de colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, de acordo com as diretrizes e metas estabelecidas no Plano Nacional de Educação.

A Educação do Campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas, combinando as lutas dos sem-terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de reforma agrária com as lutas de resistência de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades, seu território, sua identidade. A Educação do Campo nasceu afirmando que não se trata de qualquer política pública: o debate é de forma, conteúdo e sujeitos envolvidos. A Educação do Campo nasceu também como crítica a uma educação pensada em si mesma ou em abstrato; seus sujeitos lutaram desde o começo para que o debate pedagógico colasse a sua realidade, de relações sociais concretas, de vida acontecendo em sua necessária complexidade. (CALDART, 2008)

Desse modo, entende-se que o conceito de Educação do Campo não é um termo para referir-se as escolas do campo, mas sim uma proposta ampla de pensar a formação dos sujeitos para além do capital, isto é, a Educação do Campo está preocupada em dar elementos suficientes aos sujeitos para que esses compreendam as complexidades nas relações sociais e não fique inerte diante das contradições, mas que ao ser conscientizado num processo coletivo, tenha munções suficientes para transformar sua realidade. Nesse sentido, a escola do campo deve compreender a materialidade da vida, colocando os sujeitos como protagonistas da ação ao trazerem para dentro da escola a problematização da

realidade, os saberes locais, as contradições, os movimentos sociais, numa gestão organizada e coletiva. E isso implica a mudança da produção de conhecimento, ou seja, mudança da forma escolar, negação do modelo atual.

### **3.2 Histórico da Educação do Campo**

Existe a necessidade precípua de compreender como ao longo dos anos a relação com o campo foi se instituindo no contexto histórico da educação do campo do território brasileiro. Com isso é necessário perceber qual educação está sendo oferecida no meio rural e qual a concepção de educação está presente nessa oferta. De modo geral a educação sempre apresentou diversos problemas como: alta evasão escolar, baixa escolarização, alto índice de repetência, entre outros. Entretanto, esses problemas são muito mais graves no meio rural.

A ditadura militar implantou uma verdadeira mudança na concepção e modelo agropecuário no Brasil e com esse novo entendimento excluiu o pequeno agricultor, criando uma situação em que o país não estava preparado para suportar, evidenciado uma situação do êxodo rural.

O modelo implantado no campo foi tão excludente que marca até hoje a ação das elites brasileiras. Buscando dados mais recentes na história do Brasil, pode-se citar o regime militar e sua política agrária, que incentivou a concentração da propriedade da terra através de incentivos financeiros, beneficiando as grandes empresas de insumos e de produtos agrícolas. Essa política teve também como objetivo principal impedir a organização dos trabalhadores do campo, e, dessa forma, qualquer resistência organizada a essa política concentradora e excludente.

Para essa elite do Brasil agrário, as mulheres, indígenas, negros trabalhadores rurais não precisavam de escolarização, afinal para desenvolver o trabalho agrícola não precisavam aprender a ler e escrever.

Este tema foi acentuado com a discussão e aprovação da LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº. 9394 de dezembro de 1996), que propõe em seu Artigo 28 medidas de adequação da escola à vida do campo, questão que não estava anteriormente contemplada em sua especificidade.

As ações de proposições de trabalho direcionados a Educação no Campo, surgiram em função da Resolução do Conselho Nacional de Educação da Câmara

de Educação Básica, CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002, dispondo sobre as Diretrizes Nacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.

Em 2003, com a mobilização de diferentes movimentos sociais preocupados com a Educação no Campo, o Ministério da Educação instituiu juntamente com a Portaria nº 1.374, de 03/06/03, o Grupo Permanente de Trabalho com uma das finalidades de apoiar a realização de seminários nacionais e estaduais para a implementação de ações educativas.

Define-se então escola do campo, não aquela restrita apenas a um espaço geográfico, mas vinculada aos povos do campo, sejam os que vivem no meio rural, seja os que vivem nas sedes dos municípios rurais em todo território brasileiro.

Assim, a partir da ideia de exclusão do pequeno agricultor dos planos traçados pelo Brasil, no momento do governo militar, surge o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, com a ideia de ser “filho das lutas pela democratização da terra e da sociedade” (MST, 2010).

No final da década de 70, se fortificou os atritos agrícolas, bem como os conflitos pela ocupação de terras. Levando esse povo a tomar medidas de luta, assim para auto-organização e combate a injustiças no meio rural, formaram-se vários movimentos sociais, que cravou diversas lutas pela terra, que voltou a tomar forças no final da mesma década, na região Centro Sul do Brasil, especificamente, em Alegrete, expandindo-se por todo país no decorrer de menos de 10 anos.

O movimento como organização social partiu de um acampamento em Macali e Brilhante, cidades do Rio Grande do Sul, por volta de 1985. Já em 1981, também surgiu um outro acampamento em Encruzilhada Natalino, também no Rio Grande do Sul, que se evidenciou pela luta contra o governo militar.

Após todos estes anos, em 1993, foi regulamentada a Lei Agrária no Brasil, porém sem muito êxito. Logo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra tomou corpo e teve ascensão histórica no Brasil (MST, 2010).

O principal foco dos movimentos sociais é, sem dúvida, a defesa da democratização da terra, bem como a estruturação de uma fórmula que realmente beneficie o homem do campo e, sobretudo, os grupos assentados, visando uma organização agrícola para atender toda a população. Para essa formatação, é necessária uma política que exclua alternância social nos assentamentos e nos acampamentos, bem como entenda-se que trata de grupos sociais que viabilize o avanço para um país melhor (MST, 2010).

A educação no campo é simplesmente o direito a que as pessoas que habitam o campo têm de ser educadas no local onde vive e esta deve ser uma educação específica e diferenciada para o campo (ARAÚJO, 2008).

Assim, o povo do campo tem direito a uma educação específica e particularizada no meio rural, pensada a partir do lugar, da participação e sua cultura e necessidades humanas e sociais. Uma educação que estimule o processo de formação consciente e que venha a garantir as pessoas do campo o acesso a uma educação de qualidade, voltada para os interesses do povo do campo, bem como o avanço social no entendimento ao contexto rural.

Nesse entendimento, Caldart (1997), afirma:

Uma educação que se alimente da UTOPIA... De nada adianta, para nossos objetivos maiores de transformação social, lutar por escolas e construir uma nova pedagogia, se isso não for inscrito num projeto de futuro e não ajudar a construir, nas novas gerações, a utopia e a convicção na possibilidade de mudanças (CALDART, 1997, p.45).

O objetivo desta educação é trazer conhecimento às pessoas que convivem no campo para que possam construir sua própria identidade tendo o trabalho como um princípio educativo, tendo em vista que produzimos no campo e somos produzidos por ele. Deste modo a os processos educacionais/a escola deve oferecer instrumentos sólidos para que assumam a direção de seu próprio destino, durante o período acampado, no momento do assentamento e após o assentado no desenvolvimento profissional a que se dispuser no campo.

Pelo fato dos assentados passarem por situações difíceis, como o descaso do Estado em não criar políticas públicas que favoreça os camponeses, as pessoas acabam sendo desterritorializadas, e o lugar de destino são as periferias das cidades. Nesse sentido, os movimentos perdem forças. Mas, por outro lado se intensificam na medida em que negam esse destino determinado e ganham impulso na busca de seus direitos. Uma realidade de injustiça, desigualdade, opressão, que exige transformações sociais estruturais e urgentes. (ARROYO *et.al.*, 2008)

Seguindo o pensamento do autor, a Educação do Campo nasce como contraponto a uma visão negativa e má vista do campo, de um lugar tido como inferior, arcaico e atrasado. Ainda hoje, o meio rural não dispõe de uma educação adequada, conforme ele necessita. A Educação Rural é voltada de maneira

generalizada ao meio rural, excluindo especificidades como: quilombolas, povos indígenas, povo de comunidade tradicional (terreiros, ciganos, etc.), ribeirinhos, pescadores, assentados, povos da floresta, lavradores, roceiros, meeiros, sem-terra, agregados, assalariados rurais, dentre outros. Cada um com particularidades e maneiras de ver o mundo, lutar e residir no campo.

O ensino rural no Brasil denota uma história lastimável e nasce da resposta a um desinteresse estatal, que não dispõe de mecanismos institucionais para gerar educação específica para os diversos segmentos do homem do campo. Os estudiosos e pesquisadores em questões sociais e educacionais, normalmente eleitos pela burguesia não dirigem seus estudos a pensar as escolas como lugar de produtividade. Dificultando a construção de um projeto político pedagógico voltado à educação e aos educandos do campo. Segue entendimento de ARRAYO:

Não basta ter escolas no campo; queremos ajudar a construir escolas do campo, ou seja, escolas com um projeto político-pedagógico vinculando às causas, aos desafios, aos sonhos, a história e a cultura do povo trabalhador do campo (ARROYO *et. al.*, 2008, p. 27).

Ou seja, existe sim a necessidade de escolas no campo, porém, há mais ainda a necessidade de uma educação de qualidade, uma educação que ajude os assentados na valorização da sua identidade. Quando os camponeses chegam à cidade, na maioria das vezes perde sua identidade, ou a familiarização com o seu lugar de origem, suas lembranças, seus antigos sonhos, sua criação, suas raízes que formam sua história. No entanto, não perdem por que assim o quer, mas sim por serem vítimas de um processo doloroso para adaptação, até porque na cidade são produzidos e circulados diversos estereótipos sobre o campo e quem vive nele, como por exemplo, a idéia de que o campo é lugar de atraso e pessoas aquém.

Nesse sentido, a desterritorialização dos povos do campo em busca de escola para seus filhos, causada pelo descaso dos governantes, sintetiza a mais perversa violência que é a negação do aprendizado, conseqüentemente negação de vida humana.

Na longa história das comunidades humanas, sempre esteve bem evidente esta ligação entre a terra da qual todos, direta ou indiretamente, extrai sua subsistência e as realizações da sociedade humana. E uma dessas realizações é a

cidade: a capital, a cidade grande, uma forma distinta de civilização (WILLIAMS, 1989).

Contudo, é importante esclarecer que a cidade precisa do campo, como o campo necessita da cidade: esta interdependência que leva ao equilíbrio.

A partir do entendimento da necessidade desta educação e de recursos apropriados a garantir ensino para essas pessoas na condução da transformação e ascensão da atual realidade, sem alterar a identidade, a cultura, os sujeitos compreendem a necessidade da luta pela escola do e no campo.

Desse modo, o camponês logo assume uma identidade importante em relação aos meios urbanos, pois, segundo Williams (2000):

O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se à ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também se constelaram poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação (WILLIAMS, 2000, p. 11).

Diante de toda exposição, destaca-se a trajetória dos debates feitos sobre a luta da Educação do Campo no Brasil, iniciando com a regulamentação das leis brasileiras, que contam um pouco da luta até chegar as Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo, segundo o parecer da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, CNE/CEB nº 36/2001, aprovado em 4 de dezembro de 2001 (ARROYO *et. al.* 2008).

Logo, observa-se que a orientação estabelecida é o respeito às diferenças e a política da igualdade, tratando da qualidade da educação escolar, tendo em vista a inclusão. No Art. 28 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), há propostas de adequação da escola à vida do campo.



A Educação do Campo foi tratada como Educação Rural na legislação brasileira, incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura e se estende, também, aos espaços pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos e extrativistas, conforme as Diretrizes para a Educação Básica do Campo (Parecer CNE/CEB nº 36/2001 e Resolução CNE/CEB nº 1/2002; Parecer CNE/CEB nº 3/2008 e Resolução CNE/CEB nº 2/2008). Nesse sentido, o campo é mais que uma delimitação não urbana. Porém, algo que sempre esteja nítido: os descasos dos organismos institucionais e seus gestores para com a educação urbana são os mesmos, tratando-a como figurante, devido à grande dificuldade em elaborar um plano pedagógico a partir de análises sociais.

Com ciência desse entendimento, foi proposto a maior discussão institucional visando notabilizar a Educação do Campo, feita na I Conferência Nacional “Por uma Educação Básica do Campo” em 1998, realizada no município de Luziânia, no estado de Goiás. Este evento, na época, foi um marco da luta dos movimentos sociais dos educadores do campo em busca do direito a educação (ARAÚJO *et. al* 2008).

Mas no momento de elaborar o PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio), foi visto como neoliberal e não avançou na discussão da Educação do Campo, esse documento foi elaborado na Conferência Nacional e aprovado em 1998. Os documentos oriundos da conferência propõem a reformulação curricular, valorizando os conteúdos do Ensino Fundamental e a valorização das competências ao Ensino Médio, entendidas como habilidades de agir de modo diferente em contextos diferentes, destacando o saber individual, bem como o social. Por este motivo, observa-se que a proposta educacional enfraquece a função escolar com a idéia de espaço do conhecimento (ARAÚJO, 2008).

Assim, no mês de dezembro de 2001, se instituiu as Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo. Conforme a Lei de Diretrizes e Bases, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais; § 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em

instituições próprias; § 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social; Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996)

As unidades escolares do meio rural têm diversos problemas, dentre eles: a falta de estrutura, professores com formação específica, falta de iniciativa e ações visando a renovação pedagógica, trazendo ao mundo real da Educação do Campo um olhar surreal por parte dos professores despreparados.

A criação de currículos escolares específicos para os discentes do campo é um trabalho necessário, pois a escola urbana não deve ser encarada como superior a escola e as temáticas rurais. Esse arcabouço demonstra quão importante é a formulação de uma escola do campo como uma necessidade de inclusão social, que perpassa a educação e vem a munir os sujeitos que vivem na zona rural e dispõe de riquezas que impulsionam um olhar diferenciado, dado as especificidades e particularidades regionais no Brasil.

### **3.3. Caracterização da Educação do Campo**

A caracterização da Educação do Campo é a maneira de nortear a formação do discente e suas práticas são sem sombra de dúvidas, um processo evolutivo da humanização das pessoas. Dentre os diversos métodos de ensino e aprendizagem, destaca-se o processo educativo conhecido como Pedagogia do Movimento, que tem a intenção de transformar a educação e formar os sujeitos multiplicadores de tal formação no próprio campo.

O cunho social, o sentimento de luta, batalhas, vitórias e conquistas, marcam as mudanças necessárias que contribuem efetivamente a esse tipo de educação. As experiências vividas pelo educando, junto a sua família, têm grande importância, pois consoma-se em objeto de estudo, baseado na experiência em loco.

Historicamente, o movimento de transformação social foi pautado na manutenção de sólidas relações sociais e por sua vez a escola deveria ser integrada nos primórdios dessas relações no campo, situação que não poderia acontecer outrora, devido a deficiência estatal na observância deste método político educacional. E escola sempre teve, e tem um papel conservador no que se refere a

qualquer costume que não seja exclusivamente a educação, sendo, portanto, a ideia de Pedagogia do Movimento contrário a tudo isso. Logo, é preciso ultrapassar a cultura escolar existente de que todo o ensinamento esteja baseado único e exclusivamente nos livros nos apontamentos do passado, vetando as ações atuais e negando aprendizado da realidade aos discentes.

Os educadores não devem ser exclusivamente da cidade, pois o contexto difere com a realidade. É indispensável que este seja morador da comunidade no campo. Logo, segundo ARROYO (2008):

É urgente rever essa cultura e estrutura seletiva e perguntar: que estrutura escolar dá conta de um projeto de educação básica no campo? A estrutura que tenha a mesma lógica do movimento social, que seja inclusiva, democrática, igualitária e que trate com respeito e dignidade as crianças, jovens e adultos do campo, que não aumente a exclusão dos que já estão excluídos. Tarefa urgentíssima para a construção da educação básica do campo: criar estruturas escolares inclusivas (ARROYO *et. al.* 2008, p. 86).

Havendo a necessidade de formar equipes de educação com intuito de defender a educação dentro dos movimentos, ou seja, representantes da família, monitores de oficinas, que ajudam no desenvolvimento educacional dos sujeitos do campo em um ambiente educativo da escola, com disposição de tempo para organização da educação, bem como do processo de aprendizagem.

Estas escolas do campo necessitam estar em movimento, a partir da construção entre professores e alunos, enriquecendo a prática educacional no campo com os valores, as lutas e histórias. Esta relação social do ambiente como um todo, precisa ser indexada ao contexto, pois assim serão observadas as posições contrárias, que precisam ser sanadas, se ajustando as formas e conteúdo do processo educativo.

Ter projeto, por sua vez, é ir transformando estes pressentimentos do futuro em um horizonte pelo qual se trabalha e se luta. Não há, pois, como ter projeto sem raízes, por que são as raízes que nos permitem enxergar o horizonte (ARROYO 2008).

Tudo isso não passa de um processo, onde estão sendo preparados novos articuladores sociais com uma visão mais ampla e maior disseminação do objeto em questão, a educação no campo, sendo a escola a principal articuladora.

A principal função do processo é agregar os valores tidos na comunidade, trazendo a coletividade e provocando um resgate de identidade, de cada um e

valorizando os manejos e princípios existentes na sua comunidade camponesa, levando os discentes a buscar uma visão crítica para que os propósitos venham a partir de sua análise. Fazendo um papel contrário ao de vertente capitalista existente.

Falta-nos muito esses valores de identidade e pertencimento num mundo que se pretende homogêneo, no que é contraditório e diverso, tanto nas relações entre os homens e destes com a natureza, assim como no espaço que estamos construindo no cotidiano de nossas vidas (STRAFORINI, 2004, p. 18).

A educação no campo, por sua vez, necessita de apoio estatal, representativo para nutrir a coletividade das suas necessidades, mas, sobretudo, de sua contribuição para um país que necessita de resgate histórico e de mudanças no contexto social do campo.

### **3.4 Contribuições da Educação do Campo**

A educação do Campo não é mérito de uma escola, mas uma luta em conjunto, a luta por um direito para manter uma identidade que sempre foi modificada em todos os seus parâmetros. Onde é cultivada a cultura para mantermos a essência de um povo que vive no campo, do campo, e que querem continuar no campo, pois já são muitos os processos de dominação e de degradação da vida sofridos pelos camponeses. A Educação do Campo mostra que todos os sujeitos do campo, toda uma comunidade, toda uma cultura e uma tradição, são matrizes formadoras, portanto, devem estar nos temas geradores da sala de aula.

Uma das contribuições da Educação do Campo é ensinar seus educandos a enfrentar seus problemas em coletividade, em uma luta para manter as escolas do campo. É por isso que são formados educadores e educadoras, unidos pelo mesmo interesse: manter as escolas funcionando no campo e com uma educação de qualidade, educação que os camponeses merecem, mantendo suas tradições e respeitando sua identidade e contribuindo com seu desenvolvimento pleno como ser humano que tem o direito de ser educado em sua localidade. A Educação do Campo tem como objetivo ajudar camponeses, e camponesas a permanecerem em suas localidades, mas também a lutar pelo direito à vida no campo, aos diversos saberes,

à luta pelo território. A educação do campo é um movimento nacional de luta, e os cursos de licenciatura em Educação do Campo oportunizam a esses educandos os estudos em um regime de alternância para que assim possa ficar um período na universidade e depois retornar para suas comunidades onde desenvolvem trabalhos nas escolas, nessa inserção orientada os estudantes têm a oportunidade de fazer a devolutiva de seus aprendizados, a qual pretende contribuir com melhores condições de vida das famílias, nesse viés tem maior chance de sucesso se contar com a participação da escola, se houver um trabalho interdisciplinar e coletivo, sendo a atividade do trabalho ao social e útil.

A luta dos trabalhadores do campo em defesa de uma educação do campo e de uma política educacional emancipadora para o campo brasileiro é uma indicação deste processo que está em curso com fluxo e refluxo, mas em curso. (TAFAREL e MOLINA, 2010, P. 577).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação diz que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Portanto subentende-se que a escola precisa promover ações voltadas para a formação e o desenvolvimento contínuo da cidadania e estabelecendo parcerias com as outras áreas sociais para o desenvolvimento de projetos que possam unir e atender cada vez mais às demandas da população. A comunidade precisa reconhecer a escola como um espaço seu, que será utilizado para seu desenvolvimento, sabendo que a ela foi uma conquista dos moradores do Assentamento e foi através de luta que todos conquistaram.

### **3.5.Licenciatura em Educação do Campo**

A Educação do Campo surge através de reivindicações dos trabalhadores do campo e os movimentos sociais organizados. Roseli Caldart (2008, p. 45), ao refletir sobre os desafios da trajetória da Educação do Campo e seus significados, tal como tem sido pautada por esse movimento, afirma se tratar de um conceito novo e em construção na última década, que somente pode ser compreendido/discutido na dinâmica específica dos sujeitos sociais do campo, cuja materialidade de origem

exige que ela seja pensada/trabalhada sempre na tríade: Campo – Política Pública – Educação; um conceito em disputa, exatamente porque o movimento da realidade que ele busca expressar é marcado por tensões e contradições sociais muito fortes.

A Educação do Campo é uma educação contra-hegemônica pensada na concepção da Organização Escolar e do Trabalho Pedagógico, que hoje assume uma nova proposta da formação de educadores. Segundo Molina:

[...] como política pública do MEC, essa proposta de formação docente teve início em 2007 com quatro experiências-piloto desenvolvidas pelas Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Universidade Federal da Bahia (UFBA), mediante a criação do Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (PROCAMPO). Essa política foi construída como resultado de uma intensa reivindicação dos trabalhadores rurais, que já pautavam a necessidade de um sistema específico de formação de educadores, desde a realização da II Conferência Nacional de Educação do Campo realizada em 2004. (MOLINA, 2017).

O Ministério da Educação (MEC), pelo edital nº 09 de 23 de abril de 2009 programou o curso de graduação em Licenciatura em Educação do Campo, apresentado pelo Centro Transdisciplinar de Educação do Campo – CETEC e aprovado pelo conselho de ensino, pesquisa e extensão – CEPE/UnB, cujas bases legais e objetivas, de conformidade com o Projeto Político Pedagógico ‘P. P. P.’ (2009, p. 15) são as seguintes: A Licenciatura em Educação do Campo fundamenta – se nas seguintes bases legais:- Lei 9.394 de 1996; - Parecer CNE/CEB 36/2001 e Resolução CNE/CEB 1/2002 que institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo; - Parecer CNE/CP 009/2001 e Resolução CNE/CEP 1/2002 que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura.

A Licenciatura em Educação do Campo fundamenta – se nas seguintes bases legais:- Lei 9.394 de 1996;

- Parecer CNE/CEB 36/2001 e Resolução CNE/CEB 1/2002 que institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo;

- Parecer CNE/CP 009/2001 e Resolução CNE/CEP 1/2002 que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura.

O objeto do curso é a Escola de educação básica do campo, que visa principalmente à construção e a organização escolar do trabalho pedagógico

direcionado preferencialmente para os anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. A intenção primordial do curso é a preparação de educadores para uma atuação profissional que possa transcender à docência e alcançar a gestão dos processos educativos não somente no âmbito da escola, mas também em seu meio e entorno. Para isso, tornam-se imprescindível, habilitar educadores e educadoras do ensino fundamental e médio, não detentores da titulação mínima exigida pela lei vigente.

Por outro lado, o curso também visa a intenção de ajudar na construção coletiva de um projeto de formação de profissionais que possam servir de base para uma política pedagógica que sirva para educação do campo, buscando sua aprimoração e seu desempenho como ação na vida social. O curso é dividido em quatro áreas do conhecimento que formam a base curricular do curso, sendo elas: Linguagens (expressão oral e escrita em Língua Portuguesa, Artes, Literatura); Ciências Humanas e Sociais; Ciências da Natureza, e Matemática. Sendo que o estudante tem a opção de optar por habilitar-se em uma delas na qual será certificado.

O curso tem suas especificidades, pois é realizado em regime de alternância e acontece em duas etapas presenciais que equivalem aos semestres de cursos regulares; são elas: Tempo/Universidade = Escola-Curso e Tempo/Comunidade= Comunidade Escola do Campo, cujo objetivo é a aproximação e a interação entre educação e a verdadeira realidade vivida das populações do campo, também com a intenção facilitar o acesso e permanência no curso dos educadores atuantes nas escolas, sem a referida capacitação evitando assim a evasão e o êxodo rural, ou seja, para que não tem há a necessidade de que adultos e jovens do campo busque a educação superior fora do seu ambiente natural e migrem do campo para a cidade. A Licenciatura em Educação do Campo oferecida pela Universidade de Brasília do campus de Planaltina tem a carga horária total prevista para 3.525 horas-aula, consubstanciadas em oito semestres presenciais, cuja realização é feita por meios de turmas específicas.

O curso de Licenciatura em educação do campo (LEdoC), tem como objetivo compreender como a educação do campo contribui para a formação de professores, e como o mesmo pode trabalhar nas escolas do campo a partir de uma prática emancipatória e transformadora da realidade.

O curso aborda objetivos que incluiu três conjuntos de aprendizados básicos para formação para os educadores do campo. Primeiro a docência multidisciplinar em uma das áreas de conhecimento propostas pelo curso: Linguagens, Artes e Literatura; Ciências Humanas e Sociais; Ciências da Natureza e Matemática; Ciências Agrárias. No entanto, só três destas habilitações são implementadas na LEdoc/FUP.

Em segundo, a gestão de processos educativos escolares, entendida como formação para a educação dos sujeitos das diferentes etapas e modalidades da Educação Básica, para a construção do projeto político–pedagógico (PPP), e para a organização do trabalho escolar e pedagógico nas escolas do campo.

Terceiro, a atuação pedagógica nas comunidades rurais de origem de cada um, o que significa uma preparação específica para o trabalho pedagógico juntamente com as famílias e em grupos sociais de origem dos estudantes, para desenvolvimentos de projetos educativos, comunitários e sustentáveis.

A educação do campo busca contribuir de forma significativa na formação de professores que atuam nas escolas do campo, preparando educadores e educadoras para uma atuação profissional que vai além da docência, que além de preencher uma lacuna e descaso existente na educação do meio rural, consiga responder aos conflitos da realidade trazidos pelos alunos, assim contribuindo na gestão de processos sócio educativo que acontece nos espaços escolares e no seu entorno, adotando uma metodologia que se faz presente, já que ela busca a formação e a conscientização política do sujeito camponês.

### **3.6 Formação de professores organizado por área do conhecimento**

A Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) é um curso que se preocupa com os sujeitos do campo, portanto seu objetivo é a formação de qualidade (formação científica e social) que garanta não somente a educação básica do campo, mas para além disso. A metodologia desse novo modelo de Licenciatura não pretende apenas formar educadores para sala de aula, mas habilitar os professores para a docência interdisciplinar onde haja um currículo organizado não por disciplinas fragmentadas, mas por áreas de conhecimento.



Nessa perspectiva o curso apresenta a docência por área que significa organizar o trabalho docente, isto é, a docência organizada por áreas de conhecimento, uma equipe trabalhando com o conjunto das disciplinas e que elas dialoguem e respondam e ou discutam os temas geradores da realidade do estudante.

A LEdoC propõe uma transformação da forma escolar, ou seja, transformar os métodos de ensino, o currículo, os conteúdos. Desse modo temos a função de pensar quais serão os temas, as questões relevantes para se integrarem ao plano de estudo, partindo do pressuposto da atualidade e do trabalho como princípio educativo, tendo interdisciplinaridade e transdisciplinaridade como categorias da prática docente.

Formação de professores por áreas de conhecimento como conceito unificador nada mais é que a ampliação de um determinado conteúdo a outras disciplinas, aplicado pelo mesmo professor no momento em que vai explicar um tema de sua área específica. Exemplo, se o assunto é literatura, pode-se trabalhar com temas da história também bastando analisar o contexto histórico em que os autores viveram. As disciplinas podem andar lado a lado uma com a outra. Certos conceitos como biologia, pode se estender ao estudo da física e da química. É a interação esta ligada ao aluno e professor em sala de aula, que se sai da linearidade e fragmentação da forma de ensino. O conceito unificador engloba a contextualização, a interdisciplinaridade, a inter complementação e interlocução dos conteúdos articuladas como fundamento de uma nova proposta.

A formação por área de conhecimento almeja que os docentes tenham uma contribuição significativamente na superação da disciplinarização dos saberes, ainda hegemônica nos currículos escolares em geral. Para tanto, essa proposta curricular possibilitará que o docente vivencie em seu cotidiano acadêmico a valorização e a produção de conhecimentos e saberes contextualizados no mundo da vida real, em particular os mundos do trabalho docente e do Campo. Dessa forma, a formação por área insere-se na perspectiva que prevê momentos de articulação e pesquisa e intervenção na vida real. Na formação por área de conhecimento as disciplinas devem trabalhar de modo articulado nas diversas temáticas abordadas contemplando conhecimentos específicos das Ciências Naturais, matemática e linguagens.

Um dos objetivos da formação por área e resolver a questões prática de manter apenas um professor para atender às várias disciplinas, No entanto, ela não se resume a tapar lacunas, a implementação do processo desta formação por área carrega aspectos de fundo que podem se torna grandes desafios, que exigiriam mudanças na estrutura da escola e na sua gestão.

Segundo Caldart:

A compreensão desta nova proposta de formação diz respeito à fragmentação do conhecimento que a sociedade apresenta. Ela também reforça dizendo que a discussão da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade se tornaram palavras da moda e que é necessário tomar cuidado de qual ponto de vista possa está falando, o da transformação social ou o da manutenção das estruturas vigentes. O que ainda segue com a proposta de que a formação por área deva ser também não só uma forma de articulação entre todas as disciplinas, mas com outra perspectiva de trabalho com o conhecimento. (CALDART, 2010a, p. 142-144).

A formação de professor por área de conhecimento (AC) tem como um dos seus principais objetivos contribuir com a construção de processos capazes de desencadear mudanças na realidade e na lógica de utilização e de produção de conhecimento no campo. Encarando um dos grandes desafios encontrados que é a ruptura das tradicionais visões fragmentadas do processo de produção de conhecimento.

Novos espaços curriculares que articulam componentes tradicionalmente disciplinares por meio de uma abordagem ampliada de conhecimentos científicos que dialogam entre si a partir de recortes complementares da realidade. Busca-se, superar a fragmentação tradicional que dá centralidade à forma disciplinar e mudar o modo de produção do conhecimento na universidade e na escola do campo, tendo em vista compreensão da totalidade e da complexidade dos processos encontrados na realidade (MOLINA; SÁ, 2013, p. 469).

A formação docente do futuro educador precisará garantir o domínio das bases das ciências e matemática a que correspondem às disciplinas que compõem a sua área de habilitação e de atuação específica. No entanto, essa formação não pode ficar restrita e nem dependente as disciplinas convencionais já tradicionais ao currículo, as quais seguem a lógica segmentada predominante nos currículos da educação básica que passa também a educação superior. Diante disso, as disciplinas não são o objetivo central do trabalho pedagógico com o conhecimento, mas sim, as questões e resolução de objetivos da realidade como objeto de estudo.

A partir dessa afirmação, destacamos uma argumentação recorrente não só entre os estudiosos da Educação do Campo, mas, de modo geral, entre estudiosos do ensino: o modo como a escola e seu currículo estão organizados se mostram insuficientes para que os estudantes compreendam a materialidade, as contradições sociais, a realidade que os envolvem. Nesse sentido, a formação docente das Ledocs busca questionar os modos de produção e apropriação do conhecimento historicamente produzido e transposto nos processos escolares. Assim, a formação por AC também traz em sua essência a crítica em relação a essa fragmentação do ensino.

Essa fragmentação pode ser colocada de várias formas, a primeira está relacionada aos conteúdos dos diversos componentes curriculares e às atividades didáticas, as quais não se integram entre si, como se os elementos culturais que dão conteúdo ao seu saber fossem restritamente individuais e fontes isoladas entre si.

Com foco na formação docente por AC em ciências da natureza e matemática (CN), a proposta feita para uma Educação do Campo, enfatiza-se que sejam desenvolvidos processos educativos por meio de práticas interdisciplinares que envolvam os conhecimentos específicos das ciências de referência, como por exemplo: Física, Química, Biologia e também da Matemática.

Esses conhecimentos são indispensáveis para compreender a materialidade dos próprios problemas reais e concretos a serem enfrentados no campo diante dos obstáculos do dia a dia, e não são apenas uma articulação a partir da abstração dos campos de conhecimento científicos, desprovida de contradições que envolvem esses sujeitos. Ações interdisciplinares do real que contribuam com os educandos do campo para que sejam capazes de localizar e visualizar, na realidade de suas ações, os diferentes campos do conhecimento que podem contribuir para ampliar sua compreensão de determinados fenômenos com os quais os deparam.

O desafio é de construir um método pedagógico que vincule os conteúdos à compreensão dos fenômenos da realidade, que coloque os estudantes em contato com os problemas da vida, defrontando-se com as contradições sociais e com as relações entre ser humano e natureza como objeto de conhecimento (CALDART, 2015, p. 158).

Quando nos referimos à formação docente multidisciplinar, esperamos que o professor não tenha um conhecimento tão estrito, basicamente igual ao que vai ensinar como também não indica que ele tenha um conhecimento tão aprofundado e

amplo como o do especialista; uma área de conhecimento possui saberes disciplinares que têm uma correlação entre si. A superação da fragmentação do conhecimento em uma perspectiva interdisciplinar e Transdisciplinar, sem negar as disciplinas e o vínculo com as questões inerentes à realidade vivenciada.

A intenção da organização curricular por Áreas de conhecimento está vinculada à formação de equipes pedagógicas por AC, à expansão das escolas do campo, ao trabalho pedagógico interdisciplinar e à docência multidisciplinar, a formação por AC, em especial CN e matemática (MTM), busca reverter a escassez de profissionais habilitados nessa área de formação para atuar nas escolas do campo, e reverter dificuldades encontradas por profissionais formados nas áreas específicas.

## CAPÍTULO III

### ANÁLISE DE DADOS

O presente capítulo está estruturado sob o diálogo dos entrevistados referente a formação dos docentes por área de conhecimento. Aqui cada entrevistado ganhará para sua privacidade um codinome. O intuito dessa pesquisa de dados se fez necessária para refletir, sobretudo sobre quais práticas docentes dos professores formados na licenciatura em Educação do Campo que sustentam a proposta da formação por área. Nas entrevistas realizadas foram abordados relatos e estratégias adotadas, por meio das contribuições do curso de Licenciatura em Educação do Campo, sobre a significância da formação por área de conhecimento e o método interdisciplinar.

A estratégia que a LEdoC utiliza para formação da área do conhecimento está ancorada por exemplo na defasagem de professores para as escolas do campo, quase não se encontra professores com nível superior, o que nós temos na realidade são vários professores de nível médio que trabalham nas escolas do campo. E a formação por área de conhecimento a formação docente por área de conhecimento especificamente na LEdoC tem como um dos objetivos proporcionar ao educando conhecimentos básicos e sistematizados para que consiga levar a sala de aula um novo modo de conhecimento e ressignificação de conteúdos, e esse discente tem contado com diversas linguagens do seu processo de formação para se construir enquanto um educador, levando em consideração a falta de professores nas escolas do campo então o professor habilitado por área ele pode trabalhar com todas, isto é há uma percepção que de fato na realidade das escolas do campo o professor trabalha por área de conhecimento, mesmo que a formação dele seja disciplinar. Pois, ao entrar na escola a direção delega a ele várias outras disciplinas, o professor as recebe por que pretende aumentar a carga horária e assim conseguir um aumento em seu salário. O que acaba por denotar a precarização do trabalho docente.

Outro viés encontrado é que a formação por área de conhecimento supera a fragmentação do conhecimento, visto que, o que podemos aprender nas ciências

naturais, por exemplo, não está isolada da química, física e biologia, é só olharmos para um exemplo muito nítido, a natureza, nela você consegue enxergar a física química, biologia e a matemática envolvidas na natureza, portanto não faz sentido essa fragmentação curricular nas escolas como se a ciência fosse somente para ciências naturais, algo independente e a parte da vida.

Penso eu que com uma organização e estratégia de adaptar os conteúdos advindos para escola, relacionando os conteúdos com a realidade dos estudantes, formando assim pessoas auto construtivas em suas críticas, e que dialoguem entre si, para uma organização fundamentalista e dialética.(Entrevistado 1, 2018).

Logo a formação por área de conhecimento é a possibilidade de entender a parte e o todo, se você está em uma formação disciplinar tradicional um físico, por exemplo, ele vai entender só a parte da física, o químico vai entender só parte da química e o formado em biologia vai entender só a parte da biologia, e a formação por área de conhecimento leva o professor a compreender não só essas partes mais um todo. Até por que a materialidade da vida se faz na totalidade, portanto é primordial essa compreensão. Os professores habilitados devem conseguir responder por meio de suas aulas as questões que emergem da vida do aluno, ou pelo menos ensiná-los a pensar criticamente sobre cada assunto.

Quando o entrevistado quatro é interrogado sobre como trabalhar a interdisciplinaridade e se é possível trabalhá-la ele afirma:

Poderia aqui, escrever-lhe um livro sobre isso, mas posso deixar como exemplo uma experiência que teve em 2013 no Colégio Estadual Vale da Esperança, que foi utilizado a horta escolar como um espaço laboratorial para se trabalhar a interdisciplinaridade, onde todos os professores fizeram seu planejamento por área e a execução ao mesmo tempo na horta, medindo área, construindo textos verbais e não verbais, pesquisando as línguas e colocando nomenclaturas científicas e populares em 3 línguas, compreendendo o processo químico da natureza, enfim, todos os conteúdos, hora de forma interligada, hora de forma disciplinar. Tendo arguido, deixo claro que a disciplinaridade não é um problema em si, pelo contrário, ele é importante para o processo de formação (entrevistado 4, 2018).

O docente acima consegue responder a pergunta com uma rica experiência onde se destaca o trabalho teórico prático, socialmente útil e coletivo, assim como

deve ser a escola, um lugar onde se aprende a construir processos ligados a vida. Isso também possibilita compreender a realidade, a formação por área de conhecimento pode superar esse distanciamento da realidade, levando em consideração que a ciência surge para explicar uma determinada porção da realidade e essa porção da realidade ela tem que estar dialogando com os conteúdos, algo que não encontramos hoje nas escolas e nas salas de aula.

O diálogo entre o conteúdo e vida, devem ser premissas na prática docente, já que o conteúdo esta na vida e a vida esta no conteúdo, a formação por área de conhecimento dá essa possibilidade por que não restringe o educador a um a fragmento do conhecimento. Contudo, a formação por área é uma concepção complexa assim como a interdisciplinaridade, ambos estão relacionadas ao método, no entanto, poucos conseguem compreendê-la em sua essência. Como podemos ver na resposta de um dos entrevistados ao responder sobre quais conteúdos, temas geradores seriam possíveis de serem trabalhados com métodos interdisciplinares, ele responde: “Português, geografia, história, matemática, química e física e etc.”, ou seja, justamente as disciplinas.

Um exemplo de escola que compreende o trabalho como principio educativo foi a Escola Comuna projeto piloto implantado por Pistrak, Shulgin e Krupskaya pós-revolução russa quando ele propõe os complexos de estudo, a reflexão-ação do auto-serviço, da auto-gestão e auto-organização. Aqui no Brasil temos as escolas itinerantes do MST que também trazem uma proposta emancipadora. Onde é feito o inventário que traz as lutas, a cultura, o trabalho, as organizações sociais para dentro do currículo, para que sejam articulados com os conhecimentos científicos.

Sabemos que a precarização do trabalho docente é um fator que dificulta e muito a organização de um trabalho interdisciplinar, assim na maioria das vezes para simplificar as coisas e para que os conteúdos se encaixem nos 50 minutos elaborar um plano de aula segundo a matriz curricular é a opção que se segue, como afirma o entrevistado 1: “O planejamento exige bastante tempo para planejar um conteúdo interdisciplinar. A grade curricular, estabelecemos um critério da secretaria do estado de Goiás”. Ao fim de sua fala ele destaca as algemas da secretaria do estado, que impede a autonomia do professor na elaboração de um plano de aula diferenciado. Porém, sabemos que para aquele que está dentro da sala de aula e recebe um apoio coletivo consegue mudar o currículo, e adequá-lo as

especificidades do campo. Outro fator que dificulta bastante a organização do trabalho docente no campo é as rotativas de professores, em outras palavras nem todos os professores formados querem ir dar aulas na zona rural, e os que são da comunidade não são contratados, assim troca-se muito de professores dificultando o enraizamento do mesmo nas escolas o que impossibilita uma organização eficaz.

Trabalhar os complexos de estudo não é uma tarefa fácil, ainda mais nesse modelo escolar tradicional e precário que temos hoje, nem todos os conteúdos vão ligar diretamente com porção da vida, mas que esses conteúdos também são importantes de serem ensinados.

Segundo a entrevistado 4;

Os complexos de estudo é um desafio para trabalhar os conhecimentos dialogando, ou melhor, entrelaçado com a vida dos estudantes, portanto, quando se dá a formação por área, contribui para a organização dos conhecimentos e a porção da realidade. A formação por área dentro dos complexos é um meio e não pode ser considerado um fim, por exemplo, dizer que para pensar o complexo, deve se ter uma formação por área, isso não pode ser tido como verdade (entrevistado 4, 2018).

A interdisciplinaridade ela não substitui a disciplinaridade, ou seja, as disciplinas ela tem uma importância dentro da escola. A interdisciplinaridade ela pode ser considerada um fator primordial para essa mudança do currículo, ou seja, os conteúdos curriculares com a vida e com a porção da realidade, o que só ira fazer sentido para o estudante quando ele conseguir ver um determinado conteúdo na prática na vida.

A formação por área do conhecimento é um facilitador para se trabalhar os complexos de estudo no sentido de que essa formação oferece base teórica e seguras para o docente em seu processo de formação. Proporcionando a ele experiências diretas com o trabalho coletivo ao exigir que ele realize suas atividades na comunidade e escola. Nessa perspectiva Molina afirma que o curso de Educação do Campo:

Pretende-se formar educadores capazes de promover profunda articulação entre escola e comunidade. Portanto, um dos princípios cultivados com mais força refere-se à construção das condições necessárias para que



estes futuros educadores possam internalizar a compreensão das relações da escola com a vida.<sup>1</sup>

Assim, deve-se refletir sobre o papel formativo e educativo da educação, perguntando-se; qual é a educação que nós queremos. Então se você acredita numa educação que seja libertadora uma educação que seja para se libertar do aprisionamento que é que o sistema capitalista. Então como educadores devemos considerar a porção da realidade e o conteúdo dialogando com aquela realidade, na luta por uma formação humana. Em que a escola estará contribuindo para a formação de lutadores e construtores do futuro. Então compreender que a escola não tem como objetivo trabalhar só o cognitivo, mas também os conflitos da realidade concreta. É impossível trabalhar as várias dimensões humana se os estudantes estiverem ainda dentro de caixinhas e os conhecimentos fragmentados dentro da caixinha do português, da caixinha matemática, da química, da física, e demais.

Onde, segundo (entrevistada 5, 2018). “Qualquer tema que venha da vida dos estudantes, considerando que os conhecimentos científicos não esta fragmentado na realidade, a escola que faz isso”.

Ligar a escola com a realidade na qual o processo educativo acontece não é algo trivial. A principal dificuldade é colocar a escola na perspectiva da transformação social, definindo claramente que valores e relações terão um sentido contra-hegemônico às funções de excluir e subordinar que caracterizam a escola capitalista, feita para reproduzir desigualdades. Considerando as duas principais funções hegemônicas do sistema escolar, exclusão e subordinação, a mudança deve ser buscada a partir do modo de produzir conhecimento, e aí entra a estratégia maior da formação por área de conhecimento.<sup>2</sup>

A habilitação de docentes por área de conhecimento tem como intencionalidade contribuir com a construção de processos capazes de efetivar mudanças no que diz respeito à lógica de utilização e produção de conhecimento no

---

<sup>1</sup>Citação retirada do artigo de Mônica Castagna Molina intitulado “Licenciatura em Educação do Campo: desafios à formação de educadores e à transformação da escola do campo: reflexões a partir das turmas da universidade de Brasília.”

<sup>2</sup>Ibid.

campo. Essa estratégia adotada pela Educação do Campo trata-se de uma proposta de organização de novos espaços curriculares em busca de superar a fragmentação tradicional e garantir a compreensão da totalidade e complexidade emergidas da realidade.

Portanto, um dos desafios da formação de professores por área de conhecimento é construir estratégias curriculares que assegure aos educandos em processo de formação os conhecimentos produzidos historicamente sistematizados pela academia bem como os complexos da atualidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi compreender os desafios da formação docente por área de conhecimento, vista como uma possibilidade que irá promover mudanças mais concretas nas escolas do campo, essa formação por área tem como objetivo a contribuição para o rompimento da lógica fragmentária em que a maioria dos sistemas escolares estão organizados e adaptados.

No que se refere ao ensino e ao sistema educacional, tais mudanças estão relacionadas à constituição de equipes docentes distribuídas por área de conhecimento para fortalecer o trabalho dialogado e integrado, se contrapondo à lógica da fragmentação em que haja uma democratização do processo de ensino aprendido, desta forma a formação por área poderá ser uma ferramenta para promover e se adaptar efetivamente a outra organização curricular nas escolas do campo.

Essa formação objetiva contribuir com a transformação dos planos de estudos, auxiliado e possibilitando desta forma, a criação de novas estratégias e métodos de seleção de conteúdos, aproximando-os da realidade e promovendo também o trabalho coletivo entre os professores e o diálogo entre os conteúdos. Contudo, a formação por área não é a centralidade da Educação do Campo, sendo apenas mais uma estratégia emergente da realidade das escolas rurais.

A docência por área pode ser trabalhada com dois vieses que viabiliza a criação de mais escolas no campo com menos professores nas escolas com mais carga horária, assumindo a docência em mais de uma disciplina, assim completando a sua jornada de trabalho. Esse trabalho por área retoma uma rediscussão da forma de organização curricular das escolas do campo.

Mesmo tendo a formação por área como método interdisciplinar que pode suprir questões relevantes da realidade, essa formação ainda tem obstáculos a serem superados. Como por exemplo, a construção de um método pedagógico que vincule os conteúdos com a compreensão dos fenômenos da realidade.

Deste modo a Educação do Campo deve ser pensada a partir e com os sujeitos do campo, visando uma gestão coletiva em que os movimentos sociais e a comunidade sejam cada vez mais presentes, que esses estejam dentro das escolas contribuindo para um novo projeto de formar pessoas comprometidas com a

universalização do conhecimento e um novo jeito de produzir e utilizar conhecimento.

O desafio de superar a tradição hegemônica disciplinar envolve todo o sistema educacional. Pois sair da inércia não é uma ação fácil, o novo é sempre visto como “um bicho de sete cabeças” por isso reproduzimos sempre do mesmo. Porém cabe ressaltar que, para se trabalhara formação por área interdisciplinar, primeiramente tem que haver uma articulação que envolva docentes, estudantes e comunidade, isto é a gestão coletiva.

Outro desafio bem comum e que são impostos a formação por área e que foram relatados nas entrevistas realizadas, e a construção de um currículo que dê conta das especificidades de tantas disciplinas a serem trabalhadas. Como a disponibilidade de profissionais capacitados a atuarem em curso de forma por área de conhecimento. E como fazer com que os professores formados disciplinarmente entenda a necessidade de uma articulação com a realidade. Outro questionamento dos professores formados por área são as dificuldades de se inserir no mercado de trabalho, que até então conta apenas com a formação específica e disciplinar. Essa também é uma das discussões atualmente presentes nas mesas de debate da Educação do Campo.

Os desafios da formação de professores por áreas de conhecimentos é algo que aos poucos estão sendo superados pelas novas licenciaturas, tornando assim a educação do campo, uma educação de qualidade equivalente a qualquer outro sistema educacional. Diante das entrevistas realizadas com egressos do curso de Licenciatura em Educação do Campo, podemos definir a importância de um ensino articulado e não fragmentado, que traz a necessidade de relacionar a realidade com os conteúdos produzidos pela academia nas escolas do campo, ou seja, a valorização dos diversos saberes.

Ficam evidentes também os desafios encontrados pelos educadores formados por áreas de conhecimento, quanto a quantidade das cargas horárias, a dificuldade de se inserirem no mercado de trabalho específico da área de conhecimento, entre outros, são desafios que retarda a educação do campo, com uma grande necessidade de superação.

Podemos compreender que a formação por área é um facilitador do trabalho interdisciplinar, que está diretamente ligada à realidade em geral. Também podemos concluir que os professores formados por áreas de conhecimento têm uma maior

facilidade e sustentabilidade no que diz respeito à mediação interdisciplinar, por ser uma formação extensa na área de conhecimento, onde é abordado várias disciplinas com formação nas mesmas, com conhecimentos diversificados para auxiliar no trabalho interdisciplinar, o que se sobressai aos professores formados disciplinarmente ao aplicar um método interdisciplinar, o que não faz disso algo impossível a formação disciplinar, mas pode ser encontrados algumas dificuldades.

Devemos levar em conta que a formação por área de conhecimento surge como uma estratégia para superar a fragmentação dos saberes. Assim ela surge para as escolas do campo como uma ferramenta de reorganização do currículo numa perspectiva transformadora no qual o desafio é o diálogo entre os saberes, científico e popular, por meio da análise da realidade concreta, em que haja a problematização da realidade para entender as contradições vividas na realidade local, percebendo sempre que o conhecimento é produzido coletivamente.

Temos em mãos alguns elementos que podem ser necessários para transformar as escolas do campo, saber como interligar a ciência com a realidade com base em um processo de conhecimento, fazendo a junção dos conhecimentos científicos e os conhecimentos empíricos, buscando uma excelência e adaptações no modo de educar, pois não existe um bom educador sem uma formação continuada.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. Estudo de caso. **Métodos de Investigação em Educação**. Portugal, 2008.

ARROYO, Miguel *et al.* **Por uma educação do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. A escola do campo e a pesquisa do campo: metas. In: MOLINA, Mônica Castagna. **Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006, p. 103-116.

BRASIL. DECRETO Nº 7.352, DE 4 DE NOVEMBRO DE 2010 n. 7352, de 12 de nov. de 2018. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA.. **DECRETO Nº 7.352, DE 4 DE NOVEMBRO DE 2010** . LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA Fernando Haddad Daniel Maia. Brasília, p. 01-07, nov. 2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10199-8-decreto-7352-de-4-de-novembro-de-2010/file>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

BRASIL. MEC. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases Educação Nacional**. Brasília/DF, Diário Oficial da União, 20-12-1996.

CALDART, Roseli Salete. Pilares Fundantes de uma nova forma escolar. In: **Caderno de estudos do 5 Seminário Nacional das Licenciaturas em Educação do Campo** . Laranjeiras do Sul - PR. 2015.

CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo**. In: **CALDART, R. S. et. al (Orgs). Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. pp. 257-265.

CALDART, RoseliSalete et al (Orgs.). **Caminhos para transformação da Escola: reflexões desde práticas da Licenciatura em Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2010, (Cadernos do Iterra n. 15, setembro 2010).

CALDART, Roseli Salete. **Educação em Movimento: Formação de educadores e educadoras no MST**. Petrópolis,RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Sobre educação do campo. In: SANTOS, Clarice Aparecida dos (Org.). **Educação do campo: campo - políticas públicas – educação**. (NEAD Especial: 10). Brasília: INCRA; MDA, 2008.

\_\_\_\_\_. Pilares Fundantes de uma nova forma escolar. In: **Caderno de estudos do 5 Seminário Nacional das Licenciaturas em Educação do Campo**. Laranjeiras do Sul - PR. 2015.

CALDART, Roseli Salete. PEREIRA, Isabel Brasil. ALENTEJANO, Paulo. FRIGOTTO, Gaudêncio, org. **Dicionário da Educação do Campo**.Rio de Janeiro,

São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

GOLDENBERG, Mirían. **A Arte de Pesquisar: como fazer Pesquisa qualitativa em Ciências**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MOLINA, Monica Castagna, org. **Licenciaturas em Educação do Campo e o ensino de Ciências Naturais: desafios à promoção do trabalho docente interdisciplinar**. Brasília: MDA, 2014. 268 p. (Série NEAD Debate; 23).

MOLINA, Mônica Castagna; MUNARIM, Antônio; ROCHA, Eliene Novaes; CALDART, Roseli Salete. **Notas para Análise do Momento Atual da Educação do Campo**. In: **Fórum Nacional de Educação do Campo (FONEC)**. Anais. Seminário Nacional – BSB, 15 a 17 de agosto de 2012.

MOLINA, M. C.; SÁ, L. M. 9licenciatura em Educação do Campo. In: CALDART, R, S. (et al.) (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. 3ª ed., reimpr. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz, Expressão Popular, 2013. pp.466-472.

OLIVEIRA, Celma Maria de. **Educação Ambiental na Escola Estadual Vale da Esperança: Uma Análise de Queimadas no Plantio**. Monografia Apresentada ao Curso de Licenciatura em educação do Campo, Planaltina-DF, 2014.

PAITER, Leila Lesandra. **Reflexões sobre a formação docente na área de conhecimento ciências da natureza : a Licenciatura em Educação do Campo / Leila Lesandra Paiter ; orientadora, Profª. Drª. Néli Suzana Britto, coorientadora, Profª. Drª. Sylvia Regina Maestrelli, 2017.**

SANTOMÉ, J. T. **Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA. **Educação do Campo: Marcos Normativos**. Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI. Brasília, 2012 (pág. 39-49).

SILVA, Maria do Socorro. **Da raiz à flor: produção pedagógica dos movimentos sociais e a escola do campo**. In: MOLINA. Mônica Castagna (Org.). **Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

TAFAREL e MOLINA. **Política Educacional e Educação do Campo**, in: **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

XAVIER, Elizabeth Gomes. **O livro didático e as variações linguísticas no ensino da língua portuguesa, na 1ª série do ensino médio, do colégio estadual vale da esperança – formosa- go**. Monografia Apresentada ao Curso de Licenciatura em educação do Campo, Planaltina-DF, 2013.

XAVIER, Pedro Henrique Gomes. **Educação do Campo e (Des)interesse Escolar dos Estudantes do Colégio Estadual Vale da Esperança/Formosa/Goiás.** Monografia Apresentada ao Curso de Licenciatura em educação do Campo, Planaltina-DF, 2013.



## **APÊNDICES**

## Entrevista 1



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade UnB Planaltina – FUP

Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC

**NOME:** LEXANDRO RIBEIRO DE MOURA

**FORMAÇÃO:** LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO (CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA).

**IDADE:**37

**PROFISSÃO:** PROFESSOR

**ENDEREÇO:** ASSENTAMENTO FLORINDA CH: 54

**Qual seu vínculo com o Colégio Estadual Vale da Esperança:**

Professor e Coordenador de turno do colégio.

**1) Fale brevemente sobre você e seu processo de formação?**

Minha formação das series iniciais e ensino fundamental foram concluídas na cidade.

O ensino médio foi concluído na zona rural no Assentamento Vale da Esperança, foi a primeira turma a se formar no assentamento.

No ensino superior foi concluído no campus de planaltina UnB no curso de Licenciatura em Educação do Campo (turma 2 Andréia Pereira) primeira turma da LEdoC.

**2) Como você define seus métodos de trabalho em sala de aula?**

O método de ensino construtivista ao contrário da metodologia mais tradicional, o método construtivista colocando o estudante no centro do processo de aprendizado, desempenhando um papel ativo ao buscar

conhecimento na medida em que interesses e questionamentos surgem no dia a dia da sala de aula.

**3) Quais disciplinas você leciona? Há um trabalho articulado com outras áreas na organização do plano de aula?**

Trabalho com a disciplina de ciências. A escola ainda não desenvolveu um trabalho com a interdisciplinar na grade curricular, esse envolvimento acontece nos seminários de áreas.

**4) Quais desafios encontrados na formação por área do conhecimento. Percebe algum desafio na organização do trabalho docente.**

O desafio é conseguir dominar todas as disciplinas de exatas, sempre tem uma disciplina que dominamos mais.

**5) Os professores da LEdoC formados por áreas de conhecimento tem mais facilidade em trabalhar com as outras disciplinas?**

Em minha opinião temos mais facilidade, mesmo que seja com outras disciplinas fora da área de formação.

**6) A formação por área do conhecimento e um facilitador para se trabalhar os complexos de estudo?**

Creio que foi essencial na ajuda para trabalhar os estudos complexos foram os outros estudos como: teoria pedagogia, economia política, filosofia e outras.

**7) É possível trabalhar em dialogo com outras disciplinas. Quais conteúdos, temas geradores você percebe que seriam possíveis de serem trabalhados com métodos interdisciplinares.**

Com certeza é possível. Todos os bimestres trabalhamos aqui na escola um tema gerador de acordo com a área de Exatas, linguagens e humanas.

Por exemplo (a água) é um tema que abrange todas as áreas de conhecimento também trata da realidade dos estudantes e de suas comunidades.

**8) Como a organização do trabalho docente pode fortalecer a proposta da mudança da forma escolar, a lógica da fragmentação curricular?**

(não consegui entender essa pergunta)

**9) Quais desafios encontrados para se trabalhar a interdisciplinaridade.**

O planejamento exige bastante tempo para planejar um conteúdo interdisciplinar.

A grade curricular, estabelecemos um critério da secretaria do estado de Goiás.

**10) Quais são as possibilidades visíveis que estão ao alcance do docente para integrar teoria e prática comunidade e escola?**

No contexto onde estamos inseridos, que é no campo, podemos trabalhar ciências em loco, podendo visitar: rios, nascentes, erosões, queimadas, plantações etc. tudo isso encontramos escrito nos livros, por tanto, quando passamos para prática o aprendizado fica mais leve.

## Entrevista 2



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade UnB Planaltina – FUP

Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC

**NOME:** Diego Correa Silva

**FORMAÇÃO:** Licenciatura em Educação do Campo

**IDADE:** 28

**PROFISSÃO:** Professor

**ENDEREÇO:** Assentamento Vale da Esperança

**Qual seu vínculo com o Colégio Estadual Vale da Esperança:**

Professor de Matemática

### 1) Fale brevemente sobre você e seu processo de formação?

Foi muito bom, obtive grande êxito, claro que a divisão por área seria uma melhor organização para o mercado de trabalho.

### 2) Como você define seus métodos de trabalho em sala de aula?

Então, tento aplicar algumas coisas que aprendi na LEdoC, só que se torna muito difícil pelo fato do sistema ser muito fechado e compactado, tento adaptar as metodologias de acordo com a realidade dos estudantes.

### 3) Quais disciplinas você leciona? Há um trabalho articulado com outras áreas na organização do plano de aula?

Matemática, em alguns momentos sim.

E também nos projetos de seminários bimestrais.

**4) Quais desafios encontrados na formação por área do conhecimento. Percebe algum desafio na organização do trabalho docente.**

Os maiores desafios, e de concursos voltados para egressos da educação do campo.

**5) Os professores da LEdoC formados por áreas de conhecimento tem mais facilidade em trabalhar com as outras disciplinas?**

Vejo uma maior possibilidade quanto as disciplinas, mas falho com os conteúdos específicos, a divisão por área se torna uma boa; pois assim a formação especifica se torna bem melhor.

**6) A formação por área do conhecimento e um facilitador para se trabalhar os complexos de estudo?**

Sim, você consegue trabalhar com maior facilidade a interdisciplinaridade e relacionar a teoria e prática.

**7) É possível trabalhar em dialogo com outras disciplinas. Quais conteúdos, temas geradores você percebe que seriam possíveis de serem trabalhados com métodos interdisciplinares.**

Português, geografia, história, matemática, química e fisica e etc...

**8) Como a organização do trabalho docente pode fortalecer a proposta da mudança da forma escolar, a lógica da fragmentação curricular?**

Penso eu que com uma organização e estratégia de adaptar os conteúdos advindos para escola, relacionando os conteúdos com a realidade

dos estudantes, formando assim pessoas auto construtivas em suas criticas, e que dialoguem entre si, para uma organização fundamentalista e dialética.

**9) Quais desafios encontrados para se trabalhar a interdisciplinaridade.**

Organizar o tempo e os planos no colégio com a carga horária muito extensa.

**10) Quais são as possibilidades visíveis que estão ao alcance do docente para integrar teoria e prática comunidade e escola?**

A carga horária extensa demais.

### Entrevista 3



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade UnB Planaltina – FUP

Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC

**NOME:** Weliton Dias de Souza

**FORMAÇÃO:** Licenciatura em Educação do Campo; Habilitação em Ciências da Natureza, UNB.

**IDADE:** 29 anos.

**PROFISSÃO:** Professor

**ENDEREÇO:** Assentamento Florinda

**Qual seu vínculo com o Colégio Estadual Vale da Esperança:**

Professor do colégio, nas disciplinas de Matemática, Física, Química e biologia.

**1) Fale brevemente sobre você e seu processo de formação?**

Bom foi um processo onde ajudou bastante compreender o processo de ensino e aprendizagem

**2) Como você define seus métodos de trabalho em sala de aula?**

Por ser um processo que foi adquirido pelo ensino da LedoC meu método e bem concentrado no diálogo.

**3) Quais disciplinas você leciona? Há um trabalho articulado com outras áreas na organização do plano de aula?**



Química, Física e matemática. Tem a articulação atrás da interdisciplinaridade, por exemplo, a interpretação de questões contextualizadas.

- 4) Quais desafios encontrados na formação por área do conhecimento. Percebe algum desafio na organização do trabalho docente.**

Não acho que a formação por área da se através da organização interna e por gestão

- 5) Os professores da LEdoC formados por áreas de conhecimento tem mais facilidade em trabalhar com as outras disciplinas?**

Com as disciplinas de formação sim, pois o conteúdo e mais aprofundado tem mais conteúdo estudado.

- 6) A formação por área do conhecimento e um facilitador para se trabalhar os complexos de estudo?**

Sim

- 7) É possível trabalhar em dialogo com outras disciplinas. Quais conteúdos, temas geradores você percebe que seriam possíveis de serem trabalhados com métodos interdisciplinares.**

Interpretação textual, questões contextualizadas.

- 8) Como a organização do trabalho docente pode fortalecer a proposta da mudança da forma escolar, a lógica da fragmentação curricular?**

Fazendo a união das disciplinas para mostrar que todas elas estão interligadas de alguma forma

**9) Quais desafios encontrados para se trabalhar a interdisciplinaridade.**

A ligação entre conteúdos

**10)Quais são as possibilidades visíveis que estão ao alcance do docente para integrar teoria e prática comunidade e escola?**

A ligação dos conteúdos com a realidade.

## Entrevista4



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade UnB Planaltina – FUP

Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC

**NOME:** Pedro Henrique Xavier

**FORMAÇÃO:**

**IDADE:**

**PROFISSÃO:** Professor

**ENDEREÇO:**

**Qual seu vínculo com o Colégio Estadual Vale da Esperança:**

Ex. professor e diretor do Colégio Estadual Vale da Esperança

### 1) Fale brevemente sobre você e seu processo de formação?

Curso superior em Licenciatura em Educação do Campo e Pedagogia, especialista em Orientação Educacional e Ensino Especial, Mestre em Educação e fazendo Doutorado em Educação.

### 2) Como você define seus métodos de trabalho em sala de aula?

Para a execução de uma boa aula, não devemos nos prender em apenas alguns métodos, mas sim, avaliar e adequar os métodos mais eficaz para cada aluno. Portanto, o método o mais usado é dentro da concepção da análise crítica dos conteúdos.

### 3) Quais disciplinas você leciona? Há um trabalho articulado com outras áreas na organização do plano de aula?

Língua Portuguesa, Literatura, e no Ensino Superior. Como estou trabalhando na área urbana, não é possível dialogar com outras áreas, mas

dentro do planejamento da área entre a língua portuguesa e a literatura, há uma articulação.

**4) Quais desafios encontrados na formação por área do conhecimento. Percebe algum desafio na organização do trabalho docente.**

São tantos os desafios para a formação por área, mas o mais pontual é o tempo da formação em determinada área, desenvolver articulação com outros professores, torna-se um grande desafio para organização do trabalho docente.

**5) Os professores da LEdoC formados por áreas de conhecimento tem mais facilidade em trabalhar com as outras disciplinas?**

Caso a disciplina esteja dentro de sua formação a facilidade é maior, quanto aquelas licenciaturas que formam apenas para uma disciplina ou duas. Por exemplo, no curso de Letras a formação é apenas nas disciplinas de língua portuguesa e outras línguas estrangeiras, na formação pela habilitação em linguagens na LEdoC, a formação é disciplina de língua portuguesa, literatura e artes. Portanto, o professor consegue articular melhor dentro da sua formação.

**6) A formação por área do conhecimento é um facilitador para se trabalhar os complexos de estudo?**

Os complexos de estudo é um desafio para trabalhar os conhecimentos dialogando, ou melhor, entrelaçado com a vida dos estudantes, portanto, quando se dá a formação por área, contribui para a organização dos conhecimentos e a porção da realidade. A formação por área dentro dos complexos é um meio e não pode ser considerado um fim, por exemplo, dizer que para pensar o complexo, deve se ter uma formação por área, isso não pode ser tido como verdade.

**7) É possível trabalhar em diálogo com outras disciplinas. Quais conteúdos, temas geradores você percebe que seriam possíveis de serem trabalhados com métodos interdisciplinares.**

Poderia aqui, escrever-lhe um livro sobre isso, mas posso deixar como exemplo uma experiência que teve em 2013 no Colégio Estadual Vale da Esperança, que foi utilizado a horta escolar como um espaço laboratorial para se trabalhar a interdisciplinaridade, onde todos os professores fizeram seu planejamento por área e a execução ao mesmo tempo na horta, medindo área, construindo textos verbais e não verbais, pesquisando as línguas e colocando nomenclaturas científicas e populares em 3 línguas, compreendendo o processo químico da natureza, enfim, todos os conteúdos, hora de forma interligada, hora de forma disciplinar. Tendo arguido, deixo claro que a disciplinaridade não é um problema em si, pelo contrário, ele é importante para o processo de formação.

**8) Como a organização do trabalho docente pode fortalecer a proposta da mudança da forma escolar, a lógica da fragmentação curricular?**

Para pensar a transformação da forma escolar, diminuir na lógica da organização docente é muito pequeno, essa transformação deve ser pensada em todas as estruturas da escola, mas como não tem um dia, hora, e espaço ideal, começar pela sala de aula é fundamental. Mesmo que não possível mudar, pelo menos, a organização do horário, aqueles professores, dentro de seus 50 ou 40 minutos, podem organizar de forma diferencial para quebrar a lógica fragmentar.

**9) Quais desafios encontrados para se trabalhar a interdisciplinaridade.**

A formação de todos os professores, os planejamentos por fazer coletivamente, desenvolver o trabalho coletivo dos professores, a gestão escolar entender o processo de mudança e apoiar. Se considerar a formação de pedagogos, a possibilidade de se trabalhar interdisciplinarmente é mais fácil, considerando professor único para todas as disciplinas, quando isso vai para as áreas específicas, isso dificulta, pois são professores diferentes.

**10) Quais são as possibilidades visíveis que estão ao alcance do docente para integrar teoria e prática comunidade e escola?**

O inventário basta estudar a Escola-Comuna, a proposta de inventário para fazer essa ligação. Não diria aprofundar nos complexos de estudo, mas se conseguir fazer o inventário e relacionar os conteúdos com a porção da realidade, já seria um grande avanço.

**Entrevista5**

Universidade de Brasília – UnB

Faculdade UnB Planaltina – FUP

Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC

**NOME:** Elizabeth Gomes Xavier

**FORMAÇÃO:** Licenciada em Educação do Campo

**IDADE:** -----

**PROFISSÃO:** Professora

**ENDEREÇO:** P.A. Florinda

**Qual seu vínculo com o Colégio Estadual Vale da Esperança:**

Professora

**1) Fale brevemente sobre você e seu processo de formação?**

Licenciada em Educação do Campo.

**2) Como você define seus métodos de trabalho em sala de aula?**

Seguindo a matriz curricular, dentro da formação das linguagens, trabalhando além da matriz, mas com conhecimentos necessários para os estudantes, como a variação linguística. Estabelecendo uma relação entre gramática e produção de texto.

**3) Quais disciplinas você leciona? Há um trabalho articulado com outras áreas na organização do plano de aula?**

Língua Portuguesa. Não há um trabalho articulado no plano de aula, mas há dentro dos projetos da escola, como a avaliação pelo seminário.

**4) Quais desafios encontrados na formação por área do conhecimento. Percebe algum desafio na organização do trabalho docente.**

Que todos os professores possam se desenvolver para planejar coletivamente.

**5) Os professores da LEdoC formados por áreas de conhecimento tem mais facilidade em trabalhar com as outras disciplinas?**

Posso falar a partir da minha formação, não querendo generalizar, mas consegue trabalhar sim dentro da sua formação, o que não dá é um professor de linguagens trabalhar ciências, por exemplo, ou matemática.

**6) A formação por área do conhecimento e um facilitador para se trabalhar os complexos de estudo?**

Para ser sincera, não compreendo na prática os complexos, mas que fazer o inventário é importante para se trabalhar os conteúdos com a vida dos estudantes.

**7) É possível trabalhar em dialogo com outras disciplinas. Quais conteúdos, temas geradores você percebe que seriam possíveis de serem trabalhados com métodos interdisciplinares.**

Qualquer tema que venha da vida dos estudantes, considerando que os conhecimentos científicos não esta fragmentado na realidade, a escola que faz isso.

**8) Como a organização do trabalho docente pode fortalecer a proposta da mudança da forma escolar, a lógica da fragmentação curricular?**



Começando por área, depois dialogando com todas as disciplinas. Primeiro, devemos desfragmentar o planejamento, depois desfragmentar as séries e depois ir para prática.

**9) Quais desafios encontrados para se trabalhar a interdisciplinaridade.**

O planejamento e sem fazer o inventário vejo que não é possível.

**10) Quais são as possibilidades visíveis que estão ao alcance do docente para integrar teoria e prática comunidade e escola?**

Possibilidades é o trabalho coletivo dentro da escola, que esse trabalho possa extrapolar os muros, que a comunidade possa adentrar a escola e palpitar nas decisões, onde os alunos possam ter uma cadeira no grupo gestor e palpitar.